

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**Bárbara Isadora Resek Santiago**

**Egitomania, Imaginário Social e a Imprensa Inglesa do Século XIX**  
**(1866-1876)**

**MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**São Paulo**  
**2022**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**Programa de Pós-Graduação em História Social**

**Bárbara Isadora Resek Santiago**

**Egitomania, Imaginário Social e a Imprensa Inglesa do Século XIX**  
**(1866-1876)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História Social, sob orientação da Profa. Dra. Heloisa de Faria Cruz.

**São Paulo**

**2022**

**Bárbara Isadora Resek Santiago**

**Egitomania, Imaginário Social e a Imprensa Inglesa do Século XIX  
(1866-1876)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História Social, sob orientação da Profa. Dra. Heloisa de Faria Cruz.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta dissertação à minha família e a todos que emprestaram sua atenção para me ouvir transformar a resposta à pergunta “Como está o mestrado?” em uma palestra de 30 minutos.

## **AGRADECIMENTOS AS INSTITUIÇÕES FINANCIADORAS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, meu irmão e sua família por todo o apoio e compreensão. Agradeço também à minha orientadora pela paciência e pelo interesse em minha pesquisa. Ainda, agradeço à minha psicóloga por deixar eu tornar as sessões em palestras sobre o meu texto. E, finalmente, agradeço aos meus gatos, Adamastor e Phoebe, pela companhia durante todo o processo de escrita.

## RESUMO

A presente dissertação analisou a expansão do fenômeno da egitomania através da atuação da imprensa de revistas inglesa entre os anos 1866 e 1876. Por meio da análise das representações sobre o Egito antigo em três importantes revistas da época, *Belgravia*, *Bow Bells* e *The Athenaeum*, buscou problematizar a importância da egitomania na conformação do imaginário social eurocêntrico na Inglaterra na época.

A dissertação foi dividida em três partes, sendo que, a princípio no capítulo intitulado *Os Ingleses, a Imprensa e a Egitomania*, a discussão abordou a origem do termo e os sentidos do fenômeno da egitomania, bem como a expansão da imprensa vitoriana e sua importância na conformação da comunicação pública à época e na formação de um público de massa. Em seguida, no capítulo *A Imprensa Inglesa de Revistas: Belgravia, Bow Bells e The Athenaeum*, realizou-se uma análise quanto aos projetos editoriais e condições de produção, circulação e difusão das três revistas objeto desta pesquisa, isto é, *Belgravia*, *Bow Bells* e *The Athenaeum*, as quais foram fundadas no século XIX e traziam publicações literárias em capítulos e artigos científicos, históricos, do cotidiano, literários, além de identificar a amplitude das narrativas relacionados ao antigo Egito presentes em tais publicações. Por fim, no capítulo *O Egito nas representações de papel* as menções ao antigo Egito presentes em cada uma das revistas foram examinadas mais detalhadamente e, por meio dos conceitos de imaginário e orientalismo, discutiu-se de que maneira o passado do Egito impacta os leitores da Inglaterra vitoriana, buscando, assim, problematizar a força das revistas na constituição de um determinado imaginário sobre o antigo Egito em diferentes camadas do público leitor da época.

**Palavras-chave:** Egitomania. Inglaterra Vitoriana. Eurocentrismo. Imprensa de Revistas Inglesa.

## **ABSTRACT**

The present dissertation analysed the expansion of the phenomenon of Egyptomania through the role of the British magazine press between the years 1866 and 1876 and sought to problematize the importance of Egyptomania in the formation of the Eurocentric social imaginary in England at the time.

The dissertation was divided into three parts, and, at first in chapter entitled The English, the Press and Egyptomania, the discussion addressed the origin of the term and the meanings of the phenomenon of Egyptomania, as well as the expansion of the Victorian press and its importance in the conformation of public communication at the time and in the formation of a mass public. Then, in chapter The British Magazine Press: Belgravia, Bow Bells and The Athenaeum, an analysis was carried out regarding the editorial projects and conditions of production, circulation and diffusion of the three magazines object of this research, that is, Belgravia, Bow Bells and The Athenaeum, which were founded in the 19th century and brought literary publications in chapters and scientific, historical, everyday, literary articles, in addition to identifying the breadth of narratives related to ancient Egypt present in such publications. Finally, in chapter Egypt in paper representations, the references to ancient Egypt present in each of the magazines were examined in more detail and, through the concepts of imaginary and orientalism, it was discussed how Egypt's past impacts readers in Victorian England, thus seeking to problematize the strength of magazines in the constitution of a certain imaginary about ancient Egypt in different layers of the reading public at the time.

**Keywords:** Egyptomania. Victorian England. Eurocentrism. British Magazine Press.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                     |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Modern Antiquities .....                                                 | 24 |
| Figura 2 – Capa do primeiro volume de <i>Description de l'Égypte</i> .....          | 27 |
| Figura 3 – Anúncio de lançamento da revista <i>Bow Bells</i> .....                  | 47 |
| Figura 4 – Anúncio de lançamento da revista <i>Belgravia</i> .....                  | 47 |
| Figura 5 – Anúncio de lançamento da revista <i>The Athenaeum</i> .....              | 48 |
| Figura 6 – Capa da revista <i>Bow Bells</i> .....                                   | 50 |
| Figura 7 – Página da Seção “The Ladies Pages” .....                                 | 53 |
| Figura 8 – Anúncio de nova novela a ser publicada na revista <i>Bow Bells</i> ..... | 55 |
| Figura 9 – Anúncio da revista <i>Bow Bells</i> .....                                | 57 |
| Figura 10 –Anúncio do lançamento da revista <i>Belgravia</i> .....                  | 59 |
| Figura 11 – Capa da revista <i>Belgravia</i> .....                                  | 63 |
| Figura 12 – Mrs. Halliday is Reproached .....                                       | 65 |
| Figura 13 – Forgotten.....                                                          | 66 |
| Figura 14 – Anúncio da <i>The Athenaeum</i> .....                                   | 68 |
| Figura 15 – Capa da revista <i>The Athenaeum</i> .....                              | 70 |

## **LISTA DE TABELAS**

|                                                                                            |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 – Identificação de menções da palavra Egito em textos da Imprensa Britânica ..... | 33 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|

## SUMÁRIO

|                                                                                                                    |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....                                                                                        | 10  |
| 1 OS INGLESES, A IMPRENSA DE MASSA E A EGITOMANIA .....                                                            | 20  |
| 1.1 O imperialismo inglês e a egitomania.....                                                                      | 21  |
| 1.2 A expansão do público e a popularização da imprensa .....                                                      | 34  |
| 2 A IMPRENSA INGLESA DE REVISTAS: <i>BELGRAVIA</i> , <i>BOW BELLS</i> E <i>THE ATHENAEUM</i> .....                 | 44  |
| 2.1 O periodismo de revistas.....                                                                                  | 46  |
| 3 O EGITO NAS REPRESENTAÇÕES DE PAPEL.....                                                                         | 72  |
| 3.1 – A Egitomania ajuda a compor enredos, personagens e cenários das<br>novelas em série e outras narrativas..... | 77  |
| 3.2- A Egitomania e a leitura cristã sobre o sagrado na cultura egípcia.....                                       | 88  |
| 3.3. Egito: nascedouro dos saberes ocidentais .....                                                                | 94  |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                                                          | 100 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                                                                                    | 106 |

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo central desta dissertação é discutir a expansão do fenômeno da egitomania e sua importância na conformação do imaginário social da Inglaterra na segunda metade do século XIX, devendo-se frisar que o projeto que originou esta dissertação tinha como título “A construção do fenômeno da egitomania através das coleções e dos gabinetes de curiosidades e sua influência na construção do Egito antigo no imaginário europeu”. Nesse sentido, o interesse científico inicial, o qual nasceu de uma visita ao Museu Britânico, em Londres, estava direcionado às supracitadas coleções e à promoção do interesse pelo antigo Egito nas sociedades europeias do século XIX. Na ocasião, foi possível perceber que, ao andar pelo museu, além dos objetos que compõem as coleções sobre o antigo Egito, observa-se, também, alguns bustos de personalidades que são identificadas como responsáveis pela criação e pelo crescimento do acervo do museu. Entre esses bustos, está o de Sir Hans Sloane, um médico irlandês que viveu durante o século XIX e que, ao longo de sua vida, acumulou quase 100.000 objetos, como moedas, livros, herbários e artefatos, coleção esta que foi legada, ao final de sua vida, à nação inglesa, originando-se, desse modo, o Museu Britânico.

A curiosidade sobre as origens das coleções do Egito e, principalmente, sobre as razões que levaram o referido médico e outros personagens à acumulação dessa enorme quantidade de objetos egípcios gerou o desejo de buscar mais informações não somente sobre Sir Hans Sloane, mas também sobre os sentidos históricos mais gerais quanto ao interesse pelo Egito que tal prática sugeria. Ainda sobre Sir Hans Sloane, causa estranheza o fato de este colecionador irlandês ter acumulado essa quantidade enorme de objetos sem nunca ter estado no Egito, fato que permite inferir que o interesse pelo Egito à época ia muito além das expedições de exploradores à terra dos faraós. Com base nesse percurso reflexivo, definiu-se a preocupação inicial desta dissertação, isto é, relacionar o

coleccionismo de tais objetos ao fenômeno da egitomania por meio dos estudos de algumas coleções egípcias musealizadas em instituições inglesas.

Inegavelmente, o Egito é um objeto de fascínio no imaginário coletivo por consistir na terra de faraós e múmias, deuses e animais sagrados, magia e divindade, entretanto, esse encanto popular suscita questionamentos quanto ao motivo para acontecer tal fenômeno, bem como quanto à forma de sua ocorrência. A construção do fenômeno da egitomania não é algo recente, sendo que os estudos indicam que o fascínio pela terra dos faraós atravessa a Antiguidade clássica, entra em declínio durante a Idade Média, mas retorna com força a partir do século XVI. A proposição inicial desta dissertação repousava, justamente, na exploração do estudo do coleccionismo, pautada pelo interesse e fascínio pelo antigo Egito como um fenômeno em expansão na sociedade inglesa do século XIX. Não obstante, com a pandemia, o acesso às fontes tornou-se limitado, uma vez que nem todas as fontes de pesquisa científicas estavam disponíveis on-line. Dessa forma, como forma de adaptar o projeto à pesquisa que era possível realizar em função do isolamento social e viabilizar uma reflexão proficiente relativa à problemática proposta inicialmente, uma alteração de fontes foi necessária.

Diante do exposto, vislumbrava-se uma extensa pesquisa exploratória em instituições arquivísticas e acervos documentais virtuais, fontes de trabalho novas e que requereriam adaptação pessoal. Um primeiro levantamento realizado, tendo como critério a disponibilidade virtual da documentação, indicou que a melhor opção seria trabalhar com a imprensa inglesa do período, porém, a definição final em relação ao novo conjunto documental a ser utilizado ao longo da pesquisa para ser possível promover a reflexão referente às questões propostas pelo projeto adveio do contato com leituras sobre a egitomania na imprensa inglesa. Assim, ao ler uma das fontes bibliográficas do projeto de pesquisa, despertou atenção o

artigo de Monnin<sup>1</sup>, intitulado “Embracing the Sphinx: ancient Egypt in Belgravia – a London magazine”, publicado em 2018, que discutia a egiptomania em três revistas inglesas.

No mencionado artigo, Monnin<sup>2</sup> traça uma breve comparação entre três revistas inglesas publicadas nas décadas finais do século XIX, a saber, *Belgravia*, *Bow Bells* e *The Athenaeum*, discutindo a presença de referências ao antigo Egito em cada uma delas. Após analisar, com minha orientadora, as possibilidades indicadas pelo artigo<sup>3</sup>, devendo-se considerar também o fato de termos localizado cópias digitais de todas as três revistas citadas e a indicação da importância da imprensa na conformação dos imaginários sociais no tempo de estudo do artigo, optamos por aprofundar o estudo proposto por esta dissertação elegendo como fontes centrais as revistas *Belgravia*, *Bow Bells* e *The Athenaeum*. Nessa linha, em vista dessa nova definição da pesquisa, busco expandir e aprofundar a ideia do artigo de Monnin<sup>4</sup>, contudo, não a partir de um olhar literário, mas de uma perspectiva histórica.

É relevante ressaltar que as três revistas que serão analisadas de forma mais detalhada num dos capítulos desta dissertação foram publicadas regularmente nas últimas décadas do século XIX e foram importantes no cenário da imprensa de revistas do período. A revista *Bow Bells* foi publicada de 1862 a 1897 e, segundo as indicações da bibliografia<sup>5</sup>, foi uma das revistas “familiares” mais populares entre os ingleses nas décadas finais do século XIX, mantendo boas tiragens e publicação regular durante toda a sua existência. Estudos sobre a imprensa inglesa no mencionado século, bem como a análise de seus conteúdos, indicam que sua

---

<sup>1</sup> MONNIN, M. A. Embracing the Sphinx: ancient Egypt in Belgravia – a London magazine. *Nineteenth-Century Contexts*, Routledge, v. 40, n. 4, 345-358, 2018.

<sup>2</sup> *Ibid.*

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> ALTICK, Richard Daniel. *The English common reader: a social history of the mass reading public, 1800-1900*. 2nd ed. Columbus: Ohio State University Press, 1998.

intenção estava voltada para expansão e popularização da leitura de revistas que se tornavam visíveis por meio da publicação de novelas românticas em série, assim como de seções dedicadas a afazeres domésticos e moda que tinham como destinatários principalmente as mulheres de classe média e operária da época.

Por sua vez, a revista *Belgravia*, publicada entre 1866 e 1899, também de grande divulgação no período, e que se definia como uma revista dedicada ao público londrino, é caracterizada como uma publicação voltada para a divulgação e popularização do romance sensacionalista, sendo que sua fase mais bem sucedida, entre os anos 1866 e 1876, foi quando teve como editora Mary Elizabeth Braddon, escritora de grande sucesso tida como a precursora da literatura sensacionalista. Sob a editoria de Braddon, além dos conteúdos próprios a sua feição de revista literária, *Belgravia* agregou outros conteúdos e seções, como biografias, relatos de viagem, ensaios científicos, moda e decoração.

Por fim, a *The Athenaeum* foi publicada pela primeira vez em 1828, portanto, anterior ao período delimitado por nossa pesquisa, e consiste na publicação mais longa das três revistas selecionadas para este estudo, mantendo-se ativa até 1920. Embora tenha experimentado várias fases, passando por mudanças significativas em seu conteúdo, parece sempre ter tido como objetivo central a divulgação e popularização do saber científico. Para o que interessa nossa discussão aqui, a partir da pesquisa conduzida em seus acervos, foram verificadas menções ao antigo Egito, sendo que o recorte temporal a ser analisado concerne nas décadas de 1860 e 1870.

O acesso às revistas ocorreu por meio da biblioteca digital HathiTrust<sup>6</sup>, formado por uma comissão de várias bibliotecas e universidades americanas, canadenses e europeias que decidiram juntar seus acervos de forma virtual. Das três revistas, a *Bow Bells* é a que apresenta menos números digitalizados,

---

<sup>6</sup> É possível acessar a biblioteca digital por meio do seguinte link: <https://www.hathitrust.org/>.

enquanto quase todos os volumes da *Belgravia* e da *The Athenaeum* estão disponíveis on-line, com exceção dos últimos número, que ainda estão bloqueados por direitos autorais. Destaca-se que os dados recolhidos sobre as revistas consideraram quantidade de volumes publicados, número de páginas, ilustrações, editores, formatação, público-alvo, tiragem, anos de publicação, preço, regiões de venda e quantidade de menções ao antigo Egito.

Da mesma forma que o projeto original tinha como objetivo analisar de que modo a egitomania se manifestava nas coleções, ao modificar as fontes iniciais da pesquisa para as revistas, o objetivo desta passou a ser analisar o supracitado fenômeno a partir da atuação da imprensa de revistas na constituição e difusão de uma imagem eurocêntrica do antigo Egito como forma de aproximar um passado distante dos leitores vitorianos. No que se refere à periodização, após a primeira análise das revistas, e já contando com o balizamento inicial fornecido pelos anos em que elas vieram a público, a avaliação quantitativa do número de referências ao antigo Egito contido em cada uma delas nos diferentes períodos de publicação, bem como as referências sobre as relações entre o Inglaterra e o Egito em tais épocas, delimitamos o estudo aos anos de 1866 a 1876.

No decorrer da pesquisa, tornou-se necessário efetuar leituras historiográficas, teóricas e metodológicas que permitissem a melhor problematização dos materiais selecionados, bem como a compreensão sobre as relações entre o império inglês e o Egito naqueles anos. Nesse sentido, como bibliografia de apoio para examinar as revistas, foram consultadas, entre outros textos, as seguintes obras: (i) o livro de Richard Altick<sup>7</sup>, *The English common reader: a social history of the mass reading public, 1800-1900*, que trata sobre a formação do leitor inglês; (ii) o artigo de Kátia Aily Franco de Camargo de título

---

<sup>7</sup> ALTICK, op. cit.

“A revista como fonte de pesquisa<sup>8</sup>”; e (iii) os trabalhos da Prof. Dra. Heloisa de Faria Cruz, tais como “As revistas científicas: espaço do debate público da academia paulista no final do século XIX e início do XX<sup>9</sup>”, “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa<sup>10</sup>” e *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890/1915*<sup>11</sup>.

A obra de Altick<sup>12</sup>, considerada um clássico e um estudo pioneiro sobre a formação de um público de massa na Inglaterra do século XIX, distingue a formação do leitor inglês do restante, sendo que o autor acredita que se deve “estudar, do ponto de vista do historiador, o lugar da leitura em uma sociedade industrial e cada vez mais democrática” e que “a história do público leitor em massa é, de fato, a história da democracia inglesa vista por um novo ângulo”. Assim, avançando na ideia de que a história da formação do público leitor em massa é uma das dimensões da história da democracia inglesa e propondo pensar o direito ao saber ler como um dos direitos essenciais ao homem, o estudo de Altick<sup>13</sup> acompanha o processo histórico referente ao crescimento das taxas de alfabetização entre os ingleses, a qual se expandiu inclusive para as camadas populares, assim como ao barateamento e à popularização dos impressos que se verifica a partir das transformações nas indústrias gráfica e editorial.

Os trabalhos mencionados de Kátia Camargo e da Prof. Dra. Heloisa contribuem ao sugerirem a reflexão metodológica sobre de que forma utilizar a imprensa como fonte para o trabalho do historiador. O trabalho de Camargo sobre

---

<sup>8</sup> CAMARGO, K. A. F. DE. A revista como fonte de pesquisa. *Educação: Teoria e Prática*, v. 1, n. 2, p. 79, 12 jul. 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/470>. Acesso em: 21 mar. 2023.

<sup>9</sup> CRUZ, Heloisa de Faria. As revistas científicas: espaço do debate público da academia paulista no final do século XIX e início do XX. In: ALMEIDA, Marta; VERGARA, Moema de Rezende. (org.). *Ciência, história e historiografia*. Rio de Janeiro: Via Lettera, 2008. v. 1, p. 267-276.

<sup>10</sup> CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, 2008.

<sup>11</sup> CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890/1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Imprensa Oficial; Arquivo do Estado, 2000.

<sup>12</sup> ALTICK, op. cit, p. 3.

<sup>13</sup> *Ibid.*

a revista francesa *Revue des Deux Mondes*, publicado em 2007, tem como objetivo “apresentar, de maneira sistemática, a revista como fonte histórica e a importância de se estudar o meio de difusão no qual se insere um determinado corpus documental para melhor compreender sua significação<sup>14</sup>”. Por sua vez, o texto da Profa. Dra. Heloisa Cruz sobre as revistas científicas paulistas que vieram a público no final do século XIX<sup>15</sup> ajudou a definir como o conhecimento, as ciências, as artes e a literatura encontraram nas revistas um espaço privilegiado de divulgação e popularização.

Também importante indicar que, como propõem Cruz e Peixoto<sup>16</sup>, assumimos em nossa análise das revistas inglesas que a imprensa constitui força ativa na constituição dos processos históricos, pensando as revistas como dimensão da vida ativa naquele contexto, ou ainda em conformidade com as autoras:

Questão central é a de enfrentar a reflexão sobre a historicidade da Imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, mas também a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de constituição, de construção, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e das lutas por hegemonia nos muitos e diferentes momentos históricos do capitalismo. Pensar a imprensa com esta perspectiva implica, em primeiro lugar, tomá-la como uma força ativa da história do capitalismo e não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas.<sup>17</sup>

O primeiro contato com a imprensa pode acontecer de diferentes formas, como diz o mesmo artigo<sup>18</sup> e, no caso desta pesquisa, esse primeiro contato ocorre por meio do texto de Monnin<sup>19</sup>, que compara as três revistas apresentadas anteriormente. Após esse primeiro contato, Cruz e Peixoto colocam que:

[...] cada pesquisador, ao se confrontar com uma determinada publicação, deve desenvolver sua sensibilidade de leitura frente à

<sup>14</sup> CAMARGO, op. cit., p. 1.

<sup>15</sup> CRUZ, op. cit.

<sup>16</sup> CRUZ; PEIXOTO, op. cit.

<sup>17</sup> CRUZ; PEIXOTO, op. cit., p. 258.

<sup>18</sup> *Ibid.*

<sup>19</sup> MONNIN, op. cit.

materialidade histórica por ela assumida. [...] Ao iniciarmos a análise pela publicação, propõe-se justamente apreender seu espaço de articulação na configuração de uma determinada conjuntura e os fios que a remetem para outras dimensões e que constituem a historicidade daquele tempo - a historicidade da publicação e da conjuntura simultaneamente. O estudo da imprensa, assim como de quaisquer outros materiais selecionados pelo historiador, não se esgota nela mesma e requer o diálogo com outras fontes que colocam em cena outros sujeitos ou práticas sociais, outras dimensões daquela temporalidade. Como espaço privilegiado de poder e mobilização da opinião pública, a imprensa atua sob normas e condições que expressam uma determinada correlação de forças com as quais interage de forma ativa.<sup>20</sup>

Ao buscar maior familiaridade com o contexto político da Inglaterra no período e suas relações com o Egito, e como forma de entender a conjuntura em que se encaixam as fontes escolhidas, tivemos como apoio estudos o livro de Peter Burke e Maria Lucia Garcia Pallares, *Os ingleses*<sup>21</sup>, o qual apresenta um panorama geral da sociedade inglesa, sua cultura e história econômica e social. Outro suporte bibliográfico concerne na dissertação “Determinações estratégicas e econômicas da dominação britânica no Egito (1804-1956)” de Felipe Alexandre Silva de Souza<sup>22</sup>. E, a partir de sugestões de leitura indicadas no exame de qualificação incorporamos contribuições dos estudos de Albert Hourani<sup>23</sup>, *Uma história dos povos árabes* e o de Eugene Rogan *Os Árabes: Uma História*<sup>24</sup> que tratam a história do Egito pela ótica de sua própria história.

Para tratar a respeito do imaginário social, usamos o texto de Bronislaw Baczko, “A imaginação social<sup>25</sup>”, que indica que o imaginário é uma dimensão fundamental do modo de vida e da cultura de uma comunidade e diz respeito à atividade global dos sujeitos sociais, na medida em que constituem pontos de

<sup>20</sup> CRUZ; PEIXOTO, op. cit., p. 262.

<sup>21</sup> BURKE, Peter; BURKE, Maria Lúcia Garcia Pallares. *Os ingleses*. São Paulo: Contexto, 2016. 416 p.

<sup>22</sup> SOUZA, Felipe Alexandre Silva de. *Determinações estratégicas e econômicas da dominação britânica no Egito (1804-1956)*. 2016. 191 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2016.

<sup>23</sup> HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>24</sup> ROGAN, Eugene. *Os Árabes: Uma História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

<sup>25</sup> BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: Leach, Edmund et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

referência no sistema simbólico que qualquer coletividade produz. Para trabalhar o conceito de orientalismo, usamos a obra de Edward Said, que define orientalismo “como a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente<sup>26</sup>”. Para abordar a apropriação de saberes do Egito antigo pelo ocidente, usamos a obra de Jack Goody, *O Roubo da História: Como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente*<sup>27</sup>.

Como referências para trabalhar a egitomania, foram utilizadas, entre outros, os seguintes trabalhos: (i) o livro *Egypt: how a lost civilization was rediscovered*, de Joyce Ann Tyldesley<sup>28</sup>; (ii) o artigo “As (re)descobertas dos viajantes e exploradores no Egito dos séculos XVIII e XIX”, de Natália Munaro de Leão<sup>29</sup>; (iii) o artigo “The earliest known uses of ‘l’égypomanie’/‘egyptomania’ in French and English”, de Noreen Doyle<sup>30</sup>; (iv) o capítulo escrito por Jean-Marcel Humbert para o livro *A companion to ancient Egyptian art*, “Egyptomania: fascination for Egypt and its expression in the modern world<sup>31</sup>”; e (v) a apresentação de Margaret Bakos “Egiptomania: fragmentos do mundo antigo no Brasil <sup>32</sup>”.

<sup>26</sup> SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007. p. 29.

<sup>27</sup> GOODY, Jack. *O Roubo da História: Como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente*. Tradução Luiz Sérgio Duarte da Silva. São Paulo: Contexto, 2015.

<sup>28</sup> TYLDESLEY, Joyce Ann. *Egypt: how a lost civilization was rediscovered*. Berkeley: University of California Press, 2005.

<sup>29</sup> LEÃO, Natália Munaro de. As (re)descobertas dos viajantes e exploradores no Egito dos séculos XVIII e XIX. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, 177-193, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/2178-3748.2015.1.16747>. Acesso em: 29 dez. 2022.

<sup>30</sup> DOYLE, Noreen. The earliest known uses of “l’égypomanie”/“egyptomania” in French and English. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, Tucson, v. 8, n. 1, p. 122-125, 2016.

<sup>31</sup> HUMBERT, Jean-Marcel. Egyptomania: fascination for Egypt and its expression in the modern world. In: HARTWIG, Melinda K (ed.). *A companion to ancient Egyptian art*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2014. p. 463-482.

<sup>32</sup> BAKOS, MARGARET. Egiptomania: fragmentos do mundo antigo no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: ANPUH, 2003.

A dissertação será dividida em três partes, sendo que, a princípio, o capítulo intitulado “Os ingleses, a imprensa de massa e a egitomania” discutirá sobre a origem do termo e os sentidos do fenômeno da egitomania, abordando estudos ingleses clássicos e tradicionais sobre o tema e traçando diferenças e correlações com a egiptologia, bem como sobre a imprensa vitoriana e a importância da imprensa na comunicação pública à época e na figura de seus leitores<sup>33</sup>. Em seguida, o capítulo A imprensa inglesa de revistas: *Belgravia*, *Bow Bells* e *The Athenaeum*” se dedicará a realizar uma análise e um debate quanto aos projetos editoriais e condições de produção, circulação e difusão das três revistas objeto desta pesquisa, isto é, *Belgravia*, *Bow Bells* e *The Athenaeum*, as quais foram fundadas no século XIX e traziam publicações literárias em capítulos e artigos científicos, históricos, do cotidiano, literários, além de identificar a amplitude das narrativas relacionados ao antigo Egito presentes em tais publicações com o intuito de constatar de que forma a egitomania se manifestava e difundia em seus volumes. Por fim, o capítulo “O Egito nas representações de papel” apresentará as menções ao antigo Egito, presentes em cada uma das revistas, e as examinará mais detalhadamente, sendo que, por meio dos conceitos de imaginário e orientalismo, exploraremos de que maneira o passado do Egito impacta os leitores da Inglaterra vitoriana, buscando, assim, problematizar a força das revistas na constituição de um determinado imaginário sobre o antigo Egito em diferentes camadas do público leitor da época.

---

<sup>33</sup> Na literatura de viagem, estes leitores são denominados de “*armchair travellers*”, que, na tradução literal, significam “viajantes de poltrona”.

## 2 OS INGLESES, A IMPRENSA DE MASSA E A EGITOMANIA

No decorrer deste capítulo, tendo como base estudos anteriormente mencionados sobre a história da Inglaterra e suas relações com o Egito no período do século XIX, buscaremos situar historicamente o fenômeno da egitomania no contexto inglês bem como discutir a relevância da imprensa para sua disseminação e expansão na sociedade inglesa de então. Assim, um dos objetivos deste trabalho é discutir os caminhos, imagens e referências sobre a terra dos faraós que se articulam no imaginário coletivo no momento de afirmação do imperialismo inglês observado no século XIX. Para Baczko<sup>34</sup>, o imaginário é uma dimensão fundamental do modo de vida e da cultura de uma comunidade e diz respeito à atividade global dos sujeitos sociais na medida em que constituem pontos de referência no sistema simbólico que qualquer coletividade produz e por meio da qual ela se percebe e elabora os seus próprios objetivos. Ainda conforme o autor:

[...] através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe”, o “bom súdito”, o “guerreiro corajoso”, etc.<sup>35</sup>

Pensar a respeito de como as referências culturais do antigo Egito articulam a construção do imaginário e os valores da modernização de uma Inglaterra altamente industrializada e que experimentou intensas transformações científicas e tecnológicas é um dos desafios propostos por este estudo. Trata-se de refletir sobre o processo por meio do qual esses símbolos, referências e valores emprestados do antigo Egito ajudam a compor o imaginário de uma das principais nações responsáveis pela afirmação da hegemonia ocidental e eurocêntrica no mundo. Edward Said, em seu livro *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*, afirma que o “Oriente era praticamente uma invenção europeia e fora desde a Antiguidade lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências

---

<sup>34</sup> BACZKO, op. cit.

<sup>35</sup> BACZKO, op. cit., p. 309.

extraordinárias<sup>36</sup>”, nesse sentido, quando lemos sobre a egitomania, é esse o oriente que se descreve.

## 2.1 O imperialismo inglês e a egitomania

A partir das indicações de Baczko<sup>37</sup> e Said<sup>38</sup> de que a terra de faraós e múmias, deuses e animais sagrados, magia e divindade tinham grande ressonância e se articulavam ao imaginário coletivo da sociedade inglesa neste período, questiona-se quanto ao motivo para acontecer o fenômeno da egitomania, bem como quanto à forma que foi desencadeado. A essa luz, para entender e situar historicamente o fenômeno da egitomania, é necessário levar em consideração a posição da Inglaterra no contexto político e econômico mundial naquele período. Pela sua importância estratégica e por suas potencialidades econômicas, o Oriente Médio foi uma região disputada pelas potências mundiais e, segundo Souza<sup>39</sup>, desde os finais do século XVIII, tendo em vista a abertura do Canal de Suez, o mercantilismo franco-britânico reestruturou a economia política global, sendo que a dominação britânica no Egito é parte importante desse movimento. O autor aponta também o seguinte:

A burguesia europeia — especialmente britânica e francesa — e seus agentes começaram a adentrar o Egito ainda na época otomana, sob a forma de investimentos franceses. Na década de 1850, o governo da França concebeu o projeto do Canal de Suez, para ligar o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho e facilitar as rotas comerciais, tornando a região um importante ponto estratégico. O Império Britânico também passou a investir no Egito nessa época, especialmente em campos de algodão para o setor têxtil, então a esfera mais importante da economia inglesa. Ao longo da maior parte do século XIX Londres e Paris disputaram o Egito até 1882, quando da ocupação militar do Cairo por forças inglesas. A partir daí os britânicos virtualmente governaram o Egito, mesmo que a dominação não fosse expressa formalmente.<sup>40</sup>

---

<sup>36</sup> SAID, op. cit., p. 27.

<sup>37</sup> BACZKO, op. cit.

<sup>38</sup> SAID, op. cit.

<sup>39</sup> SOUZA, op. cit.

<sup>40</sup> SOUZA, op. cit., p. 14.

É no contexto da afirmação da Inglaterra no sistema mundial e do lento processo de subordinação do Egito ao imperialismo britânico que a egitomania ganha sua acepção moderna e contornos específicos, no entanto, antes de adentrarmos às peculiaridades desse fenômeno e dos usos de referências da cultura egípcia no período estudado, é preciso indicar que o fascínio pelo antigo Egito e a construção do fenômeno da egitomania não é algo recente; em verdade, o encanto com o Egito existe há quase tanto tempo quanto o próprio Egito. Em 1000 a.C., já temos registros de viajantes gregos visitando as terras do Nilo e as descrevendo em suas escrituras para aqueles que se interessassem, fascínio este que perdura até depois do domínio romano por Augusto (de 63 a.C. a 14 d.C.), que levou obeliscos e objetos menores para Roma que serviriam de inspiração para a arquitetura da cidade. Na *Bíblia*<sup>41</sup>, vemos uma descrição de um Egito cruel, terra de escravidão e pecado; Heródoto de Halicarnasso (século V a.C.), que viajou para o Egito durante o domínio persa, descreve suas impressões no segundo volume da coleção *Histórias*, *Euterpe*<sup>42</sup>, as quais são marcadas por pré-julgamentos de uma cultura grega patriarcal.

Entretanto, após a queda do império romano ocidental, o Egito entrou em esquecimento na memória do ocidente, sendo citado em apenas algumas passagens bíblicas e escritos gregos. A ascensão do cristianismo e a proibição de cultos pagãos pelo imperador romano Teodósio em 391 d.C. são fatores que marcaram o processo que levou ao esquecimento das referências à cultura egípcia durante toda a Idade Média. Em outras palavras, grande parte desse esquecimento se deve à ascensão do cristianismo, que circunscrevia o Egito a um território politeísta, com uma cultura de rituais e costumes contrários às doutrinas cristãs<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> BÍBLIA. Bíblia Sagrada – Velho e Novo Testamento. Tradução de Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1998. 1632 p.

<sup>42</sup> TYLDESLEY, op. cit.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 27.

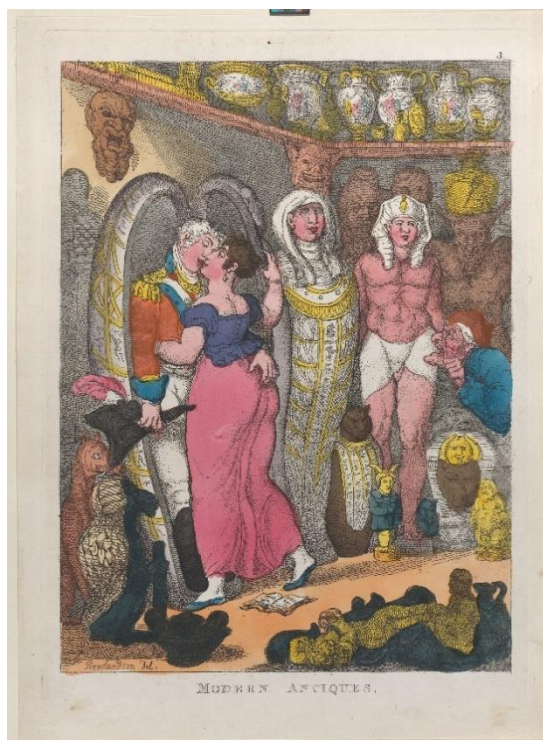
A redescoberta do Egito pela Europa e a conformação e expansão da egitomania em sua feição moderna só acontece a partir do século XVIII, o que se mantém, com diferentes nuances, durante todo o período posterior. Para o que interessa a nossa discussão, faz-se necessário trazer à luz a crescente popularização e disseminação da egitomania durante todo o século XIX, bem como sua incorporação ao imaginário social naquele período. Vale ressaltar, ainda, que é possível conceber a egitomania como dimensão da invenção do oriente pelo ocidente, espaço de constituição das representações dos povos orientais, particularmente dos egípcios, fenômeno este fundamental na legitimação dos interesses das nações colonialistas<sup>44</sup>.

Uma ideia referente a como a egitomania penetrou a vida inglesa nos é fornecida pela Figura 1 abaixo, de autoria de Thomas Rowlandson, caricaturista inglês nascido na metade do século XVIII que tem em sua obra uma crítica a alta sociedade londrina.

---

<sup>44</sup> SAID, op. cit.

Figura 1 – Modern Antiquities.



Fonte: Met Museum<sup>45</sup>.

Na Figura 1<sup>46</sup>, pode-se observar uma sala cheia de objetos de diferentes culturas, com destaque para antiguidades egípcias, um homem velho que as observa atentamente com um lorgnon, e um beijo ocorre em um sarcófago aberto. Há, ainda, na Figura 1 representações das coleções, o fetichismo pela antiguidade, a hipocrisia da aristocracia.

A redescoberta do Egito pelo ocidente se inicia com o Renascimento e o interesse renovado nos escritos clássicos, gregos e romanos, os quais apresentavam descrições de viagens a uma terra de deserto e pirâmides, mitos e faraós. Soma-se a isso a chegada à Europa de relatos de mercadores e de viajantes que ousavam explorar o rio Nilo e o Cairo, os quais se deviam à oportunidade de peregrinos viajarem pelo Jerusalém, a terra santa, refazendo os caminhos da

<sup>45</sup> ROWLANDSON, Thomas. Modern Antiquities. *THE MET*, Nova Iorque, 2023, Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/392779>. Acesso em: 20 mar. 2023.

<sup>46</sup> *Ibid.*

*Bíblia*<sup>47</sup> e passando, assim, pelo Egito, tendo como um dos precursores o relato do frade Felix Fabri, teólogo nascido no século XV, que, em seu livro *Evagatorium in Terrae Sanctae*<sup>48</sup>, descreve sua peregrinação pelas terras citadas na *Bíblia*<sup>49</sup>, do Monte Sinai ao Cairo. Natália Munaro de Leão nos informa em seu artigo que “Depois de dez séculos, a partir do século XVII e XVIII o país (Egito) voltou a atrair viajantes europeus, que passaram a relatar essas viagens e as experiências vividas por lá<sup>50</sup>”. Ainda segundo a autora:

Entre os viajantes e/ou exploradores dos séculos XVIII e XIX estão antiquaristas e aventureiros à procura de antiguidades egípcias para venderem no exterior. Porém, o século XVIII assinala o início das primeiras autênticas explorações geográficas, e o século XIX marca a chegada dos diplomatas e a introdução da exploração científica dos objetos e monumentos do Egito Antigo.<sup>51</sup>

Aos poucos, o Egito se tornou um destino popular nas viagens dos europeus, estimulados pela literatura de viagem produzida e pelos manuais de caça ao tesouro, nas quais estava envolvida a coleção de lembranças materiais de todos os lugares visitados, fossem elas pedaços de monumentos, esculturas, desenhos, papiros, transcrições de estelas ou quaisquer outros tesouros encontrados. Tais peças colecionáveis e suas referências simbólicas revitalizaram a curiosidade e o fascínio pelo antigo Egito nas sociedades europeias, influenciando a vida cotidiana, as artes e as ciências desses países. Outro fator que contribuiu para tornar mais compreensível esse mundo egípcio sendo redescoberto foi a decifração de sua escrita. O trabalho de tradução que inicialmente relacionava a busca de um suposto conhecimento oculto sobre a vida e a morte, poções mágicas e segredos da vida eterna, como parecem ser as razões que animavam Athanasius Kircher, jesuíta nascido no século XVII, evoluem para

---

<sup>47</sup> BÍBLIA, op. cit.

<sup>48</sup> TYLDESLEY, op. cit.

<sup>49</sup> BÍBLIA, op. cit.

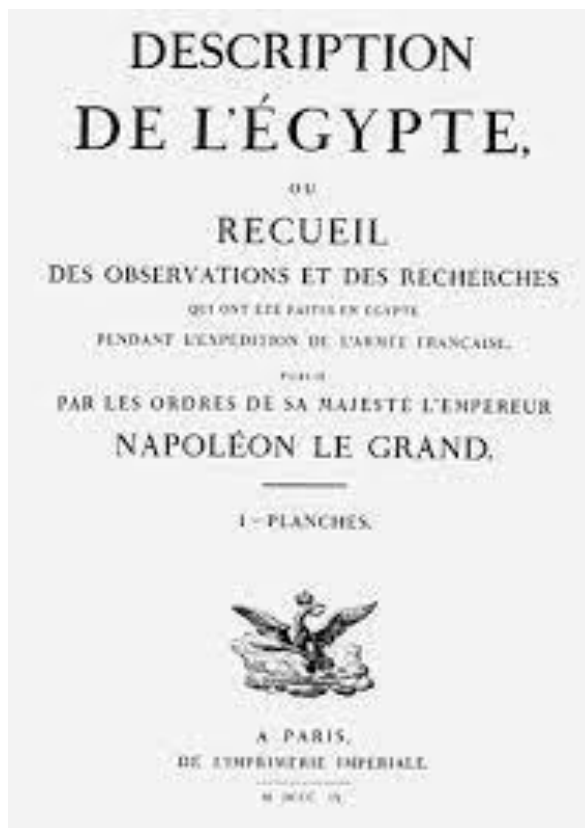
<sup>50</sup> LEÃO, op. cit., p. 178.

<sup>51</sup> LEÃO, op. cit., p. 180.

indagações de natureza mais positiva colocadas pelos exploradores e estudiosos a partir do final do século XVIII.

Esses fatores – relatos de viajantes, contato com as antiguidades e decifração da escrita – trazem à tona na Europa uma curiosidade que cresce exponencialmente, tendo seu ponto de virada a partir da última década do século XVIII com a campanha de Napoleão Bonaparte ao Egito, na qual, além de seus soldados, estavam presentes também cientistas e acadêmicos de diversas áreas, membros da Comissão para a Ciência e as Artes, formada por mais de 60 membros, que tinham como objetivo documentar tudo que fosse possível sobre o Egito. Todas as suas produções, desde ilustrações a textos, sobre fauna, flora, arquitetura, foram publicadas em 9 volumes intitulados *Description d'Égypte* (Figura 2), sendo que o primeiro volume foi publicado pela primeira vez em 1809 e o último volume, em 1829.

Figura 2 – Capa do primeiro volume de *Description de l'Égypte*.



Fonte: Wikipédia, 2023<sup>52</sup>.

O título completo da obra é *Description de l'Égypte, Recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Égypte pendant l'expédition de l'armée française*<sup>53</sup> e, como propõe Edward Said, com sua concepção grandiosa, a obra consistiu num “grande monumento coletivo de erudição<sup>54</sup>”, que forneceu um cenário ao orientalismo moderno na medida em que, por meio da referida obra, o Egito é transformado num “teatro do efetivo conhecimento ocidental sobre o oriente<sup>55</sup>”.

<sup>52</sup> WIKIPÉDIA. Description de l'Égypte. Wikipédia, [S.I.], 2023. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Description\\_de\\_l%27%C3%89gypte#/media/File:Description\\_de\\_l%C2%B4Egypte\\_1.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Description_de_l%27%C3%89gypte#/media/File:Description_de_l%C2%B4Egypte_1.jpg). Acesso em: 20 mar. 2023.

<sup>53</sup> TYLDESLEY, op. cit.

<sup>54</sup> SAID, op. cit., p. 76.

<sup>55</sup> *Ibid.*

Várias fontes indicam que, em decorrência da mencionada publicação da Comissão para a Ciência e as Artes, bem como do fato de ter atuado como aprendiz de um dos linguistas que faziam parte dessa empreitada, Jean-François Champollion foi inspirado a pesquisar o antigo Egito e, posteriormente, traduzir os hieróglifos. O trabalho de tradução dos hieróglifos se tornou, com o passar dos anos, uma corrida de status e, em segundo lugar, de conhecimento, cujo ápice foi justamente o trabalho de Jean-François Champollion, aprendiz de professores que fizeram parte da expedição de Napoleão.

Em paralelo a esse cenário de viagens e estudos, colocam-se também os processos históricos e políticos do próprio Egito e de suas relações com as ambições colonialistas das nações europeias. A expedição de Napoleão era, antes de tudo, militar em seus propósitos e, entre seus objetivos, estava o domínio do Mar Mediterrâneo e do Norte da África. Em terra, Bonaparte derrotou os mamelucos, milícia formada por escravos turcos que tomaram o poder de seus mestres otomanos, entretanto, no mar, Napoleão perdeu para a marinha britânica e abandonou o Egito, cedendo sua supremacia no território à Inglaterra, o que forçou os franceses a deixarem o território conquistado por um oficial albanês enviado pelo império otomano, Muhammad Ali, que foi elevado ao cargo de vice-rei. Ali tinha um plano de modernização do Egito e, para atingi-lo, via como necessário a abertura do Egito ao ocidente, o que o levou a permitir amplamente a promoção de escavações e retiradas de objetos, partes de monumentos e até mesmo obeliscos do Egito, alimentando, desse modo, as disputas entre as potências europeias pela posse destas relíquias<sup>56</sup>.

O prestígio resultante da posse de tais objetos retirados do Egito estava não só acoplado a indivíduos, mas também a nações, uma vez que quem possuía mais objetos traduzia mais textos hieroglíficos. Havia destacamentos oficiais dos países

---

<sup>56</sup> LEÃO, op. cit.

europeus com ordens de recolher o que pudessem do Egito, trabalho que envolvia ligações diplomáticas, comércio e subornos. Inglaterra e França foram os países que se evidenciaram nessa corrida, representados por seus oficiais de embaixada, como Henry Salt e Bernadino Drovetti, respectivamente, sendo que ambos trabalharam com o artista de circo Giovanni Battista Belzoni, que, com seus conhecimentos de hidráulica, era um escavador experiente e capaz de transportar gigantescos obeliscos e esculturas de seus locais de descanso até o Cairo, onde eram embarcados para a Europa. Belzoni era um colecionador ávido que manteve muitas de suas descobertas para sua coleção particular.

Interessante indicar que os significados dessa corrida por relíquias egípcias e a prática do colecionismo já era percebido e criticado no século XIX, como indica o comentário de James Baikie, um autor do século XIX, sobre o uso das coleções em território europeu:

Nos primeiros anos do século XIX... havia uma perfeita orgia de espoliação realizada, não no interesse da ciência, mas em parte por ganância. Cada personagem importante ou nobre tinha que acrescentar algumas curiosidades do Egito à sua coleção variada reunida em meia dúzia de outras terras, e inscrições escultóricas e papiros de maior valor foram assim inutilmente dispersos em coleções particulares insignificantes, onde, depois de satisfeitas, uma curiosidade passageira ou ministrados a um espírito momentâneo de emulação, eles foram autorizados a acumular poeira através de anos de negligência, até que finalmente o fútil gabinete de curiosidades foi disperso e seus itens foram completamente perdidos de vista.<sup>57</sup>

No caso de James Baikie, é relevante apontar que ele mesmo, apesar de nunca ter visitado o Egito, escreveu mais de dez livros sobre o assunto, sendo este um fator que exemplifica como essas descobertas e outras notícias do Egito eram

---

<sup>57</sup> No original: “In the early years of the nineteenth century... there was a perfect orgy of spoliation carried on, not in the interests of science, but partly out of greed. Every important or noble character had to add a few curios from Egypt to his miscellaneous collection gathered from half a dozen other lands, and sculptures inscriptions, and papyri of the greatest value were thus uselessly dispersed in paltry private collections, where, when they had gratified a passing curiosity or ministered to a momentary spirit of emulation, they were allowed to gather dust through years of neglect, till at last the futile cabinet of curios was dispersed, and its items were lost sight of altogether”. BRAIKIE, James. *A century of excavation in the lands of the pharaohs*. [S.I.]: [S.I.], 1924 *apud* TYLDESLEY, op. cit., p. 68

amplamente divulgadas na imprensa europeia, particularmente na imprensa britânica, que concerne no foco deste trabalho.

Nesse sentido, essas coleções compostas por saques realizados por viajantes e exploradores tiveram grande importância na construção da egitomania na Europa, influenciando, assim, desde hábitos mais cotidianos, como formas de vestir e cozinhar, passando pela decoração das casas e as concepções arquitetônicas, até as linguagens artísticas, como a literatura e a pintura. Além disso, as coleções compostas por esses objetos trazidos do Egito também foram fundamentais para a conformação das coleções sobre o lugar dos principais museus da França e da Inglaterra, bem como para o avanço dos estudos científicos sobre o Egito, isto é, a egiptologia. Não há dúvida que as coleções musealizadas se transformaram em locais de visitação por aqueles fascinados em descobrir o antigo Egito e assumiram grande importância na revitalização e disseminação da egitomania. Com a constituição da história e da arqueologia enquanto campos de estudo científico e, dentro destes, da egiptologia, verifica-se uma mudança na imagem do antigo Egito pelos europeus, pois, com a tradução dos textos da época e com as pesquisas sendo dedicadas ao período, acredita-se que os europeus conseguiriam contemplar os egípcios antigos falando por si.

No que concerne aos usos modernos das referências ao antigo Egito, destaca-se que Noreen Doyle<sup>58</sup>, que em um artigo para o *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, oferece subsídios interessantes quando se propõe a discutir os primeiros usos da palavra egitomania nas línguas inglesa e francesa. Segundo Doyle<sup>59</sup>, a origem da palavra remonta “a uma frase... usada pelo arquiteto Sir John Soane” em uma aula que este ministrou entre 1806 e 1809 quando se refere a uma “mania egípcia” que se espalhava pela decoração inglesa.

---

<sup>58</sup> DOYLE, op. cit.

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 122.

A autora<sup>60</sup> coloca uma primeira menção da palavra egitomania em inglês na resenha de um livro francês de 1809 e ressalta que a palavra está em *itálico*, ou para dar maior distinção a ela, ou por ela estar em uma língua estrangeira, grifando a crítica no tom do autor anônimo da resenha. Ainda segundo a autora<sup>61</sup>, o primeiro uso publicado da palavra egitomania aparece em 1808 em uma autobiografia publicada na Alemanha das memórias de uma condessa que, no ano seguinte, foi traduzida para o francês e, em 1810, para o inglês. A palavra aparece em uma carta recebida pela condessa em 1797 e, apesar de o autor da carta e Sir John Soane serem ambos de um mesmo círculo social, não há evidências o suficiente para afirmar que um apresentou ao outro essa nova palavra<sup>62</sup>.

Contudo, mais significativo que a origem da palavra egitomania é o significado desta, sendo que, em relação à discussão dos significados modernos, Bakos<sup>63</sup> nos ajuda quando sugestiona entender a egitomania como:

[...] a apropriação e reutilização, meio à revelia, de elementos de gramática de ornamentos do antigo Egito, de tal forma com que lhes sejam atribuídos novos significados. Assim, ao se analisarem os achados de práticas de egiptomania, devem-se considerar bem do mais do que as origens da apropriação, examinando essas peças em seu estatuto de manifestação cultural, da e na sociedade, pois, ao trazer esses objetos espetaculares novamente à vida, seus usos crescem-lhes sentidos e significação.

Com essa definição, evidencia-se um dos objetivos deste capítulo, que é diferenciar três conceitos que estão interligados em suas origens, quais sejam: (i) egiptomania; (ii) egiptologia; e (iii) egitofilia. Para tanto, torna-se necessário definir egiptologia e egitofilia, que, como coloca Bakos, são, respectivamente, “ciência que trata de tudo quanto se relaciona ao Antigo Egito<sup>64</sup>” e “o gosto pelo exotismo e posse de coisas relativas ao Egito antigo<sup>65</sup>”. Bakos explica, ainda, que

---

<sup>60</sup> *Ibid.*

<sup>61</sup> *Ibid.*

<sup>62</sup> *Ibid.*

<sup>63</sup> BAKOS, op. cit., p. 1.

<sup>64</sup> *Ibid.*

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 3.

toda “pesquisa sobre egitomania constitui-se em um trabalho de egiptologia, na medida em que promove o estudo do antigo Egito, sua escrita, técnicas e as diferentes formas de manifestações artísticas por ele inventada<sup>66</sup>”, entretanto, ressalta que “a prática da Egitomania é um fenômeno mundial, atualmente, e que ela surgiu muito antes da egiptologia<sup>67</sup>”.

A egitomania tem sua essência intimamente ligada a uma área de estudo que surge no século XVIII, a egiptologia, que nasce combinada ao crescimento exponencial da egitomania pela Europa e se define por ser o estudo do antigo Egito. A formalização da criação desse campo de estudo ocorreu quando foi estabelecida uma cátedra na França para Jean-François Champollion, em 1822, que foi consolidado como o grande responsável pelo deciframento dos hieróglifos e sua tradução, um desafio que era disputado por toda a Europa havia quase um século. Entretanto, é importante frisar que, apesar de os conceitos “egitomania”, “egiptologia” e “egitofilia” estarem ligados, traçam seus caminhos independentemente. Como nos revela Natália Munaro de Leão em seu artigo:

Ao mesmo tempo em que investigadores se comprometiam com a importância desse conhecimento, desvendando inscrições e símbolos egípcios, organizando expedições para verificar locais e obter novos documentos epigráficos no país, essa nova admiração pelo antigo Egito seduziu muitos aventureiros e caçadores de tesouros.<sup>68</sup>

Vale assinalar que também há outros autores, como Humbert<sup>69</sup>, chamando a atenção para o fato de que o crescimento e complexidade das acepções assumidas pela egitomania no período estudado aqui enfatiza algumas dimensões do fenômeno, como a disseminação de práticas e discursos nas sociedades modernas que tem no antigo Egito suas referências e o usos frequentes de imagens

---

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 1.

<sup>67</sup> *Ibid.*

<sup>68</sup> SCHULZ, Regine; SEIDEL, Mathias (org.). *Egipto: arte e arquitetura*. Tradução de Joana Assunção. Colônia (Köln): Könnemann, 2006. 608 p. *apud* LEÃO, op. cit, p. 3.

<sup>69</sup> HUMBERT, op. cit.

icônicas da cultura egípcia, como pirâmides, esfinges e obeliscos. Além disso, Humbert<sup>70</sup>, assim como Bakos<sup>71</sup>, enfatiza que a egitomania refere-se à apropriação e transformação dos sentidos de elementos da cultura egípcia pelas sociedades modernas.

Para ter uma ideia do crescimento do fenômeno na época estudado e da importância da imprensa na sua conformação, realizamos um levantamento panorâmico sobre o tema utilizando como base de comparação os dados fornecidos pelo *The British Newspapers Archive*<sup>72</sup>, que tem digitalizado jornais do império britânico. Ao usar a área de pesquisa do site, é possível consultá-la por data, nome do jornal, país ou região, devendo-se salientar que, para esta pesquisa, a busca se restringiu ao uso da palavra “Egito” apenas jornais que circulavam na Inglaterra. As informações que apareceram foram significativas, indicando a crescente presença das referências ao Egito durante todo o século XIX, conforme é possível observar na Tabela 1 abaixo.

Tabela 1 – Identificação de menções da palavra Egito em textos da Imprensa Britânica.

| Período | 1700/1749 | 1750/1799 | 1800/1849 | 1850/1899 | 1900/1949 | 1950/1999 | 2000/2023 |
|---------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Menções | 272       | 6530      | 271.506   | 2.325.449 | 1.514.692 | 270.456   | 12.627    |

Fonte: The British Newspaper Archive<sup>73</sup>.

Assim, a simples busca pela palavra “Egito” por meio da referida base de dados<sup>74</sup> proporcionou a verificação de que, na segunda metade do século XIX, as referências ao Egito se multiplicam na imprensa britânica por mais de oito vezes e meia, constatando-se, assim, não só o avanço do imperialismo inglês sobre o território

<sup>70</sup> *Ibid.*

<sup>71</sup> BAKOS, op. cit.

<sup>72</sup> THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE. Egito. The British Newspaper Archive, London, 2023. Disponível em:

<https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/search/results?basicsearch=egypt&someesearch=egypt&exactsearch=false&retrievecountrycounts=false>. Acesso em: 11 mar. 2023.

<sup>73</sup> *Ibid.*

<sup>74</sup> *Ibid.*

egípcio, como também um crescimento exponencial da egitomania no período, bem como do papel da imprensa na circulação de referências sobre o Egito no imaginário inglês do período. Diante do exposto, convém retomar as formulações de Baczko quando propõe que “a influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte dos meios que asseguram tal difusão<sup>75</sup>”. Ressalta-se que, na modernidade ocidental, a difusão dos imaginários teve na alfabetização massiva e na implantação dos meios de comunicação seus fatores determinantes, o que torna relevante entender tanto o processo de expansão da imprensa de massa britânica como a formação e expansão de seus públicos.

## **2.2 A expansão do público e a popularização da imprensa**

Para compreender a construção desse processo, é necessário entender a formação e expansão do público leitor britânico no século XIX que sucede de forma concomitante à constituição de uma imprensa de massa. Ressalta-se que, para isso, a leitura da obra de Richard Altick foi fundamental tendo em vista que o autor defende a tese de que “através de inúmeras tribulações, e contra o que algumas vezes pareceu sem esperanças, lá tomou raiz e eventualmente floresceu na Inglaterra do século dezenove um conceito social revolucionário: aquele da democracia do impresso<sup>76</sup>”. O livro de Altick tem como objetivo central “estudar, do ponto de vista do historiador, o lugar da leitura em uma sociedade industrial cada vez mais democrática<sup>77</sup>”. Avançando na ideia de que a história da formação do público leitor em massa é uma das dimensões da história da democracia inglesa, propondo pensar o direito ao saber ler como um dos direitos essenciais ao homem, o estudo de Altick<sup>78</sup> acompanha o processo histórico da expansão da alfabetização para as camadas populares, assim como o barateamento e a

---

<sup>75</sup> BACZKO, op. cit., p 14.

<sup>76</sup> ALTICK, op. cit, p 1.

<sup>77</sup> *Ibid*, p 1.

<sup>78</sup> *Ibid*.

popularização dos impressos que surgem a partir das transformações nas indústrias gráfica e editorial.

Altick também atenta para a relação entre a afirmação do direito à leitura e as mudanças na cultura popular inglesa trazidas pela nova realidade das fábricas e horas de lazer reduzidas, que “tornaram imperativo que os milhões de ingleses tivessem um novo meio de escapar e relaxar, algum modo novo e significativo de engajar suas mentes e imaginações. Livros e periódicos eram a resposta óbvia<sup>79</sup>”. Ainda, pensando numa dimensão mais ampla do que a da formação das elites letradas, o pesquisador propõe que “os leitores em massa têm suas raízes profundas na história total do período<sup>80</sup>” e “que para entender como o inglês comum se tornou um leitor, devemos primeiro rever as atitudes políticas e sociais dominantes do período e relembrar o quão frequente elas se mascaravam como devoção religiosa<sup>81</sup>”. A partir de uma distinção importante entre aqueles que sabiam ler e aqueles que liam, suas análises explicam como se formou o leitor que esta pesquisa busca identificar, uma transformação que é pensada como um processo longo que, insinuando-se desde o século XVI, explode no decorrer do período no qual se situam as questões abordadas nesta dissertação.

Até o século XV, não há fontes o suficiente, segundo Altick<sup>82</sup>, para estimar com qualquer certeza a alfabetização na Inglaterra, apenas alguns vestígios que não podem ser verificados por outras fontes. Uma estimativa do início do século XX afirma que aproximadamente um terço da população era alfabetizada na época de Shakespeare e isso se deveria ao crescimento comercial. Como afirma o autor:

É pelo menos certo que a crescente vida comercial da nação exigia que os homens da classe mercantil lessem e escrevessem em inglês para fazer negócios, manter registros e interpretar documentos legais. Algumas guildas definem a alfabetização como condição de adesão.

---

<sup>79</sup> *Ibid.*, p 4.

<sup>80</sup> *Ibid.*, p 3.

<sup>81</sup> *Ibid.*

<sup>82</sup> *Ibid.*

Até as mulheres estavam se alfabetizando, e os servos também, se suas circunstâncias o exigissem e permitissem...<sup>83</sup>

Outro fator também para o crescimento da alfabetização neste período que aqui merece evidência são as transformações do ensino, já que parte significativa das escolas passam para a mãos de leigos, deixando de ser responsabilidade quase exclusiva da igreja, transformação esta que acontece no momento que a língua inglesa se torna a mais falada na Inglaterra em detrimento do saxão, do normando e, entre as classes intelectuais, do latim. Como forma de se ajustar a essa nova realidade, o autor ressalta que:

Na última parte do século XVI, as pessoas que só sabiam ler inglês tornaram-se tão numerosas que exigiram que mais e mais livros fossem impressos no vernáculo... O próprio fato de que esta foi a grande era das traduções prova a existência de um público considerável que sabia apenas inglês.<sup>84</sup>

No entanto, ao lado dessa expansão das audiências se colocavam restrições ao desenvolvimento das indústrias gráfica e editorial inglesas que só foram abolidas na metade do século XVII, sendo que Altick faz referência sobre como, para o grande público, os “livros não eram fáceis de se adquirir<sup>85</sup>”, mesmo com a unificação linguística, sofrendo com as restrições impostas por alguns fatores, como quantidade de prensas e tiragens que eram permitidas no país. Essas limitações foram estabelecidas durante o final do século XVI como uma maneira de apaziguar os membros da igreja quanto à perda do monopólio da produção de livros e do comando das escolas, bem como para manter algum controle sobre quais livros eram publicados, ressaltando-se que “livros, até então, eram possessões majoritariamente dos mais prósperos membros da classe média no

---

<sup>83</sup> No original: “It is at least certain that the growing commercial life of the nation required men of the merchant class to read and write English in order to transact business, keep records, and interpret legal documents. Some guilds set literacy as a condition of membership. Even women were becoming literate, and servants as well, if their circumstances required and permitted it”. *Ibid.*, p 16.

<sup>84</sup> No original: “By the latter part of the sixteenth century the people who could read only English had become so numerous as to require more and more books to be printed in the vernacular... The very fact that this was the great age of translations proves the existence of a sizable audience who knew only English”. *Ibid.*, p 18.

<sup>85</sup> *Ibid.*, p 19.

século XVI e XVII<sup>86</sup>”. Outra transformação que abarcou todas as esferas da Inglaterra do século XVI foi o protestantismo, que tem como um de seus princípios a “prática da leitura privada<sup>87</sup>”.

Com o aparecimento em 1540 da Bíblia Sagrada (tradução revisada de Coverdale), a primeira Bíblia inglesa a ser autorizada pela Coroa, Henrique VIII ordenou que uma cópia fosse colocada em cada igreja. "Todas as pessoas que podiam", escreveu Strype, o antigo biógrafo de Cranmer, "compraram o livro, ou leram-no atarefadamente, ou conseguiram que outros o lessem para eles, se não pudessem; e vários outros idosos aprenderam a ler E até mesmo meninos se reuniram entre os outros para ouvir partes da Sagrada Escritura serem lidas.<sup>88</sup>

Entretanto, mais do que o protestantismo em si, foram “as controvérsias religiosas que atingiram seu clímax na Guerra Civil que contribuíram também... carregadas por tratados e panfletos, argumentos e réplicas e tréplicas e contra tréplicas – material impresso que achou um aparente mercado ilimitado entre as classes que podiam ler<sup>89</sup>”. Além da *Bíblia*<sup>90</sup>, como leitura religiosa, destaca-se a procura de outros livros que provessem algum conhecimento para os seus leitores, incentivada pelo humanismo e pelo fim do regime feudal, como guias, manuais e livros de viagem – estes serão objetos de interesse para a entender o fenômeno da egitomania.

A leitura estava inextricavelmente associada ao "aperfeiçoamento", ao cultivo das virtudes prudenciais... Os livros mais solicitados eram aqueles que indicavam o caminho para uma moral aceitável aos olhos de Deus e de Mamom ou traziam os ideais de conduta humanista até o nível do homem comum... a demanda (para a classe média) era por manuais de aperfeiçoamento, lições de diligência e parcimônia, instrução em relações domésticas, guias de piedade, histórias

---

<sup>86</sup> *Ibid.*, p 23.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p 24.

<sup>88</sup> No original: “With the appearance in 1540 of the Great Bible (Coverdale's revised translation), the first English Bible to be authorized by the Crown, Henry VIII ordered a copy to be placed in every church. "Every body that could," wrote Strype, the early biographer of Cranmer, "bought the book, or busily read it, or got others to read it to them, if they could not themselves; and divers more elderly people learned to read on purpose. And even little boys flocked among the rest to hear portions of the holy Scripture read”. *Ibid.*, p 24.

<sup>89</sup> *Ibid.*, p 25.

<sup>90</sup> BÍBLIA, op. cit.

popularizadas (sempre com lições úteis), traduções, livros de viagem e livros sobre ciência.<sup>91</sup>

Para as classes de menor poder aquisitivo entre aqueles que eram alfabetizados, livretos com poemas e crônicas históricas eram os mais procurados, visto que eram de leitura fácil e rápida, e foram precursores da literatura sensacionalista<sup>92</sup> do século XIX. Porém, é importante evidenciar que “seria um erro imaginar que a leitura tinha mais que um lugar ocasional na vida das massas. Pois a maior parte – é um fato inescapável – era analfabeta<sup>93</sup>”. Durante o século XVIII, as alterações significativas que a educação sofreu e que, conseqüentemente, refletiram na produção de livros derivaram das mudanças econômicas e políticas pelas quais o país passou.

A Guerra Civil e suas conseqüências deslocaram o sistema de escolas primárias dotadas que havia disseminado a alfabetização entre uma certa parcela da população comum. Após a restauração da monarquia, também, um grande objetivo da política pública era evitar a repetição da sublevação tardia. Uma vez que o poder da imprensa foi tão dramaticamente revelado durante o regime puritano, uma maneira vital de assegurar a estabilidade da nação era manter as massas ignorantes de suas letras...<sup>94</sup>

No entanto, como indicado anteriormente, seria somente no decorrer do século XIX, com as mudanças socioculturais trazidas pelo rápido crescimento da população urbana e pelo avanço da alfabetização, que se colocariam as condições à formação de um público de leitores capaz de dar suporte à formação de uma imprensa de massa no país. Os estudos indicam que, impulsionados pelo

---

<sup>91</sup> No original: “Reading was inextricably associated with ‘improvement’, with cultivation of the prudential virtues... The books most in request were those which either showed the way to a morality acceptable in the eyes both of God and of Mammon or brought the ideals of humanistic conduct down to the level of the common man... the demand (para a classe média) was for handbooks of improvement, lessons in diligence and thrift, instruction in domestic relations, guides to godliness, popularized histories (always with useful lessons), translations, travel books, and books on Science”. ALTICK, op. cit., p 26.

<sup>92</sup> O conceito de “literatura sensacionalista” será aprofundado no próximo capítulo.

<sup>93</sup> ALTICK, op. cit., p 29.

<sup>94</sup> No original: “The Civil War and its aftermath dislocated the system of endowed primary schools that had spread literacy among a certain portion of the common people. After the restoration of the monarchy, also, one great aim of public policy was to prevent a repetition of the late upheaval. Since the power of the press had been so dramatically revealed during the Puritan regime, one vital way of insuring the nation's stability was to keep the masses ignorant of their letters”. *Ibid.*, p 31.

crescimento das igrejas evangélicas, que investiam fortemente nas escolas dominicais, visando possibilitar aos fiéis a leitura dos textos sagrados, bem como dos movimentos laicos em favor do acesso à educação pelo povo, que culminam na reforma de 1880 que estabelece que a frequência à escola elementar deve ser compulsória em todo o país, os índices de alfabetização explodem, chegando a alcançar, na última década do século, 93,6% da população masculina e 92,3% da feminina<sup>95</sup>. Observa-se, desse modo, que até então nunca na história inglesa houve tantas pessoas letradas como na era vitoriana.

A partir dessa expansão da alfabetização no país, alguns fenômenos são destacados por Altick<sup>96</sup>, como as rodas de leitura familiar em que uma pessoa da família lia para todos os outros, fossem livros ou periódicos, assim como o que um autor da época chamou de “unknown public” – em português, “público desconhecido” –, que consistiam nos novos consumidores de livros, jornais e periódicos em razão de preços mais acessíveis, os quais, segundo esse autor, determinavam “para que música os autores dançavam<sup>97</sup>”. Nas palavras do autor:

Já não eram livros e periódicos escritos principalmente para poucos abastados, cada vez mais, à medida que o século avançava, era o público de massa mal-educado com centavos no bolso que comandavam a música com que escritores e editores dançavam.<sup>98</sup>

Nesse cenário de expansão da alfabetização dos setores populares ingleses, bem como da formação da audiência de massa, que a imprensa inglesa se expande e ganha novos contornos. Para se ter uma primeira ideia das dimensões dessa expansão, basta pontuar que o crescimento da circulação de jornais diários, que

---

<sup>95</sup> *Ibid.*, p. 190.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>97</sup> *Ibid.*, p. 5.

<sup>98</sup> No original: “No longer were books and periodicals written chiefly for the comfortable few, more and more, as the century progressed, it was the ill educated mass audience with pennies in its pocket that called the tune to which writers and editors danced”. *Ibid.*, p. 5.

no início do século era de poucos milhares de exemplares, salta para quase 500 mil exemplares nas últimas décadas<sup>99</sup>.

Aliás as percepções sobre estas transformações podem ser identificadas nas fontes pesquisadas já nas primeiras décadas do século. Assim, registre-se que a revista *Athenaeum* no artigo de apresentação de sua primeira edição que vem a público em janeiro de 1828 assumindo como objetivo educar os leitores e conduzi-los em suas escolhas de leitura num cenário em que “a torrente de publicações que vem a público sem qualquer avaliação ameaça extinguir toda a grandeza intelectual e refinamento do público leitor inglês”. O mesmo artigo discute a impressionante revolução por que passava a produção e o comércio de livros bem como a crescente incorporação de novas camadas aos públicos leitores devido “ao incremento da riqueza das elites bem como do desenvolvimento do conhecimento das classes menos favorecidas da população<sup>100</sup>”.

Também, transformações na tecnologia utilizada pelas indústrias gráfica e editorial, bem como a eliminação das taxas sobre o papel e outros materiais necessários à impressão, os quais estavam abolidos até 1861, tornam possível o barateamento da produção de livros, jornais e periódicos ao ponto de os preços caberem no orçamento das grandes massas. Aqui, salienta-se que, em primeiro plano, coloca-se a imprensa comercial de jornais diários, que, como indicado anteriormente, experimentam uma grande expansão. Não obstante, o mesmo processo de barateamento e conquista de novos públicos anima também o crescimento e diversificação do periodismo de revistas, assinalando a importância delas na formação dos imaginários da época.

Com a diversificação dos veículos da imprensa periódica e o surgimento de jornais diários, tidos como sérios, bem como de jornais e magazines de feição mais popular, a imprensa amplia e diversifica seus públicos. Assumindo com os

---

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 412.

<sup>100</sup> *Athenaeum*, n. 1. Janeiro de 1828, p.7.

periódicos domingueiros ou aqueles voltados para a leitura das famílias – os *Sunday Press* ou *Family Periodical* – projetos gráficos e editoriais “mais leves”, direcionando-se para a disseminação de conhecimentos e informações úteis, além de novelas seriadas e conteúdo de entretenimento diversos, passam a organizar as fórmulas de sucesso da imprensa barata voltada para o grande número de leitores da nova classe média e dos setores populares.

Este trabalho considera o contexto apresentado para analisar de que forma as representações sobre a terra dos faraós contribuíram para o desenvolvimento da egitomania em três revistas inglesas bem-sucedidas perante o público leitor, publicadas de forma regular nas décadas finais do século XIX, a saber, as revistas *Belgravia*, *Bow Bells* e *The Athenaeum*. Enquanto os jornais diários estavam voltados para o noticiário político e para a divulgação sobre os acontecimentos imediatos, as revistas se ocupavam de variedades e do entretenimento que as representações sobre o Egito geram, seja por meio de conselhos de decoração, culinária e cuidados da beleza para as senhoras, dos ambientes das personagens das novelas ou de relatos de viagem, que trazem referências curiosas e exóticas de costumes e tradições diferentes daqueles praticados pelos europeus.

Por meio das supracitadas leituras, o grande público inglês “viajava” para as terras egípcias, compartilhando com viajantes e exploradores os conhecimentos sobre territórios distantes de sua experiência imediata, constituindo-se, assim, o que estudos sobre o tema denominaram de “viajantes de poltrona”, isto é, aqueles que viajavam para o desconhecido sentados em suas poltronas.

É verdade que a expansão do imperialismo inglês tem como uma de suas facetas a movimentação de cidadãos ingleses como viajantes para os novos territórios de suas áreas de influência tanto na Ásia quanto na África. Fato este reforçado por um interessante artigo publicado sob o título “Restlessness” no volume XV da revista *Belgravia*, na segunda metade de século XIX. Segundo o

artigo, com o enorme crescimento das estradas de ferro e das rotas marítimas, com os movimentos entre a Inglaterra e suas colônias e outras áreas de influência, a experiência dos ingleses em relação as viagens sofre grandes transformações, fazendo da Inglaterra a nação mais errante do mundo. Numa narrativa quase ficcional sobre a questão, pensando sobre os hábitos de viagens e deslocamentos no passado e no presente, o autor do referido artigo pondera:

Como a mudança começou, por qual processo nós, ingleses, nos desgastamos de nossas afeições antigas, é intrigante conjecturar, mas de qualquer forma, uma coisa é certa, que desde a hospedagem em casa de família nos tornamos a nação europeia mais errante..<sup>101</sup>

No entanto, embora o autor fale nos ingleses de forma generalizada, os estudos indicam que esta facilidade de deslocamento para os diferentes continentes não era ainda uma possibilidade real para a maioria dos trabalhadores e setores das classes médias com menor poder aquisitivo. Para essas camadas da população a febre de viagens e de conhecimento de outras terras e costumes era alimentada principalmente pelas leituras de relatos diversos publicados na imprensa.

A partir da leitura dos relatos de viagem publicados em livros e periódicos, esses leitores ganharam acesso a cenários, costumes e tradições de terras desconhecidas e distantes e, como Liz Horodowich cita em seu artigo, “Armchair travelers and the Venetian Discovery of the New World<sup>102</sup>”, tanto o viajante, autor do relato, como o leitor moldam sua visão do desconhecido e o transformam em algo familiar. Stuart Hall<sup>103</sup> defende que representações de outra cultura são importantes pelo que nos dizem do observador em vez do observado e, concordando com essa perspectiva, pensamos que o fenômeno da egitomania nos

<sup>101</sup> No original: How the change began, by what process we English became weaned from our antique affections, it is puzzling to conjecture, but at any rate this much is certain, that from the most homestayng we have become the most wandering European Nation Belgravia, VolXV, p. 52.

<sup>102</sup> HORODOWICH, Liz. Armchair travelers and the Venetian discovery of the new world. *The Sixteenth Century Journal*, Kirksville, v. 36, n. 4, p. 1039-1062, 2005.

<sup>103</sup> HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Comunicação & Cultura*, [S.I.], n. 1, p. 21-35, 2006.

permite adentrar no imaginário sobre o oriente que passa a constituir a cultura vitoriana no período.

### 3 A IMPRENSA INGLESA DE REVISTAS: *BELGRAVIA*, *BOW BELLS* E *THE ATHENAEUM*

Este capítulo apresenta e discute a natureza das revistas vitorianas que se constituíram como fontes centrais para a pesquisa com o objetivo de refletir sobre os temas, os projetos gráficos e a forma de distribuição e difusão desses periódicos, bem como de suscitar indagações a respeito de quem eram seus editores e colaboradores, bem como sobre seus circuitos de difusão e seus leitores. Aqui também procuramos problematizar o lugar dessas revistas no universo da imprensa periódica e na constituição do imaginário vitoriano do século XIX.

Salienta-se novamente que as revistas em análise, isto é, *Belgravia*, *Bow Bells* e *The Athenaeum*, foram selecionadas como as fontes centrais desta pesquisa após a leitura do artigo de Monnin<sup>104</sup> intitulado “Embracing the Sphinx: ancient Egypt in Belgravia – a London magazine”, o qual foi publicado em 2019 no volume 40 do periódico *Nineteenth-Century Contexts* pela Taylor & Francis e trata de comparar essas três revistas da era vitoriana. Os paralelos traçados entre tais revistas se concentram no que diz respeito à presença de artigos, relatos de viagem e resenhas que tivessem em comum referências ao antigo Egito, sendo que a autora inicia seu texto com uma simples afirmação, qual seja: “O fascínio com o Egito Antigo e o Egito permeou a cultura britânica no século XIX<sup>105</sup>”. Esta declaração se confirma, segundo Monnin, com a crescente oferta de publicações direcionadas a saciar a curiosidade daqueles que não tinham como realizar uma viagem às terras do Nilo, como era comum à alta sociedade britânica, sendo, portanto, uma “alternativa atraente<sup>106</sup>” os relatos de viagem.

O ensaio se propõe a “analisar periódicos que por suas numerosas e diversas ofertas indicam o entusiasmo completo guardado pela audiência vitoriana pelo

---

<sup>104</sup> MONNIN, op. cit.

<sup>105</sup> *Ibid.*, p. 345.

<sup>106</sup> *Ibid.*

Egito Antigo<sup>107</sup>” tendo como foco central a revista *Belgravia* pelas seguintes razões: (i) “a circulação mensal entre 15 e 18 mil (exemplares) durante o comando de Braddon<sup>108</sup>”; e (ii) M. E Braddon mostrou ser capaz de “conquistar seu público leitor providenciando leituras que correspondessem diretamente a seus desejos<sup>109</sup>”. Monnin justifica seus objetos com duas afirmações de um dos autores que utiliza como referência bibliográfica, Alvar Ellegard: (i) “Qualquer estudante de história de um período achará muito que o interessa na sua imprensa, onde a era, por assim dizer, retrata a si mesma<sup>110</sup>”; e (ii) “incluía todos os mais importantes periódicos que eram em algum nível órgãos de opinião<sup>111</sup>”. Outra referência bibliográfica de Monnin, Richard Altick, destaca a revista *Belgravia* como uma “líder mensal<sup>112</sup>” que por sua posição “se legitima em representar o interesse popular vitoriano<sup>113</sup>”. Além disso, embora o foco do artigo de Monnin<sup>114</sup> seja a revista *Belgravia*, ele também traz interessantes apontamentos sobre os outros dois periódicos, *Bow Bells* e *The Athenaeum*, como parâmetros de comparação.

Assim, de posse da mencionada referência<sup>115</sup>, foi conduzido um levantamento das revistas a fim de refletir sobre a importância da imprensa na conformação dos imaginários sociais à época. Tomando as três revistas citadas como fontes, este capítulo visa expandir e aprofundar o caminho proposto por Monnin<sup>116</sup>, porém, com um olhar histórico e não literário.

---

<sup>107</sup> *Ibid.*

<sup>108</sup> *Ibid.*

<sup>109</sup> *Ibid.*

<sup>110</sup> ELLEGARD, Alvar. *The readership of the periodical press in mid-Victorian Britain*. Goteborg: Goteborg University Press, 1957. p. 3 *apud Ibid.*, p. 345.

<sup>111</sup> ELLEGARD, Alvar. *The readership of the periodical press in mid-Victorian Britain*. Goteborg: Goteborg University Press, 1957. p. 4 *apud Ibid.*, p. 345.

<sup>112</sup> ALTICK, Richard D. *The English common reader: a social history of the mass reading public 1800-1900*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957. p. 359 *apud Ibid.*, p. 345.

<sup>113</sup> *Ibid.*

<sup>114</sup> *Ibid.*

<sup>115</sup> *Ibid.*

<sup>116</sup> *Ibid.*

Como indica o estudo clássico de Altick sobre a expansão massiva do público leitor na Inglaterra, a expansão e multiplicação de impressos – tanto de jornais como de revistas – apresenta números espetaculares e crescentes durante todo o século XIX:

A revogação do imposto sobre o papel em 1861 beneficiou a todos periódicos. A conjunção da grande expansão da audiência em massa e custos menores lançou o negócio de edição e impressão em um alvoroço [...].<sup>117</sup>

[...] Com a introdução da prensa rotativa e, próximo ao fim do século, da máquina de composição tipográfica, a impressão de periódicos se tornou uma das mais mecanizadas de todas as indústrias de produção em massa inglesa.<sup>118</sup>

### 3.1 O periodismo de revistas

Em virtude desse contexto e considerando as avançadas condições técnicas, atentando para o que denominou processo social de democratização da imprensa e da leitura, Altick<sup>119</sup> alega que à época, além dos jornais, o periodismo de revistas experimenta uma grande expansão e diversificação. O estudo sinaliza que a leitura de revistas cresce significativamente entre os públicos ingleses de classe média e da classe trabalhadora letrada no último quartel do século em função do barateamento das revistas e com o aparecimento das “shilling magazines<sup>120</sup>”. Uma demonstração desse crescimento, tanto de jornais quanto de revistas, em especial as três aqui já mencionadas, são os repetidos anúncios desses periódicos em jornais da época (Figuras 3, 4 e 5).

---

<sup>117</sup> No original: “The repeal of the paper duty in 1861 benefited all periodical alike. The conjunction of a great expand mass audience and lower costs threw the publishing and printing trades into a happy uproar [...]”. ALTICK, op. cit., p. 357.

<sup>118</sup> No original: “[...] With the introduction of rotary presses and, toward the end of the century, the typesetting machines, periodical printing became one of the most highly mechanized of all English mass-production industry”. *Ibid.*

<sup>119</sup> *Ibid.*

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 359-360.

Figura 3 – Anúncio de lançamento da revista *Bow Bells*.

**B O W B E L L S.**  
 PART 4 OF THIS NEW AND EXTRAORDINARY  
 PERIODICAL  
 IS NOW PUBLISHING.  
 The Literature is by the best writers of the day,  
 And the Illustrations by  
 JOHN GILBERT, E. COLEBOLD, PHIZ, THWAITES, &c.  
 Fine Engravings for Framing, of the  
 PRINCE OF WALES AND THE PRINCESS ALEXANDRA,  
 ARE  
**PRESENTED GRATIS.**  
 \*\* Order Part I. of BOW BELLS, Price FIVEPENCE  
 through any Booksellers, or remit Seven Stamps to the Publisher,  
 J. DICKS, 75, Wellington-street, Strand, London.

---

N E W W E E K L Y P E R I O D I C A L,  
 Upwards of 500,000 have already been sold of No. 1.  
 Unprecedented in the annals of Cheap Literature.  
 THE LARGEST EVER PUBLISHED!  
 NUMEROUS SPLENDID ILLUSTRATIONS!!  
 EXTRAORDINARY ATTRACTION!  
 ONLY ONE PENNY.  
 Sixteen Large Pages! Sixty-four Columns!  
 THE  
 BEST WRITERS AND BEST ARTISTS OF THE DAY.  
 Now on Sale, No. 3 of  
**B O W B E L L S.**

Fonte: New Weekly Periodical<sup>121</sup>.

Figura 4 – Anúncio de lançamento da revista *Belgravia*.

MISS BRADDON'S NEW MAGAZINE.  
**BELGRAVIA.** Illustrated.

---

In October, No. 1., price 1s., to be continued monthly, with Four  
 full-paged Illustrations in every number.

**BELGRAVIA**, a London Magazine, conducted  
 by M. E. BRADDON, Author of "Lady Audley's  
 Secret," &c.

---

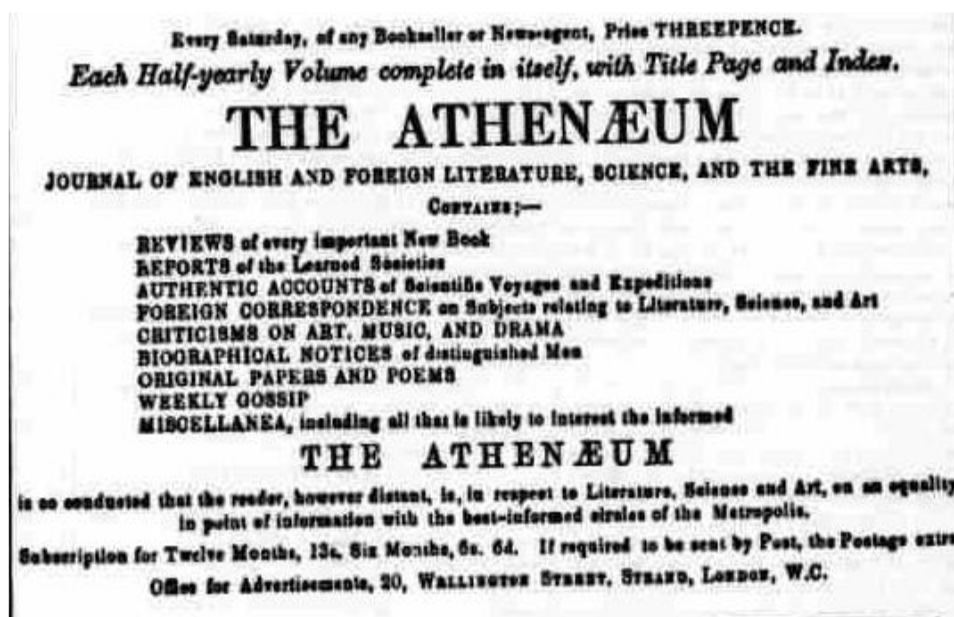
**BELGRAVIA.**—"BIRDS OF PREY," a  
 new Novel by Miss BRADDON, will commence in No. 1.  
 of "BELGRAVIA," which will also contain all the features of a  
 first-class Magazine, illustrated by the best artists.  
 Office: Warwick House, Paternoster-row.

Fonte: Sunday Gazette<sup>122</sup>.

<sup>121</sup> BOW Bells: New Weekly Periodical. Illustrade Weekly News, 29 nov. 1862.

<sup>122</sup> MISS Braddon's New Magazine: Belgravia. Sunday Gazette, 7 out. 1866.

Figura 5 – Anúncio de lançamento da revista *The Athenaeum*.



Fonte: Tyrone Constitution<sup>123</sup>.

Tais anúncios nos permitem não só atestar a regularidade e a sólida estruturação dos três periódicos como também indicam suas estratégias de atração dos leitores e de venda dos exemplares. Neles as revistas aparecem como aquelas que podem proporcionar uma leitura prazerosa trazendo entretenimento, mas também cultura e informação seja por suas narrativas literárias, informações sobre acontecimentos importantes e interessantes, conselhos úteis e belas ilustrações.

Iniciamos nossa análise pela revista *Bow Bells* – um periódico semanal lançado na Inglaterra vitoriana em novembro de 1862 e encerrado em 1897 – que, segundo o já citado estudo de Altick<sup>124</sup>, foi uma das revistas “familiares” mais populares no período, haja vista que esse período de 35 anos de publicação demonstra que a revista foi mantida de forma regular durante bastante tempo e gozava de estabilidade e aceitação pelo seu público. O editor da *Bow Bells* era John Thomas Dicks, nascido em 1818, o qual ficou conhecido por publicar romances e peças a preços acessíveis; após sua morte, seus filhos continuaram a

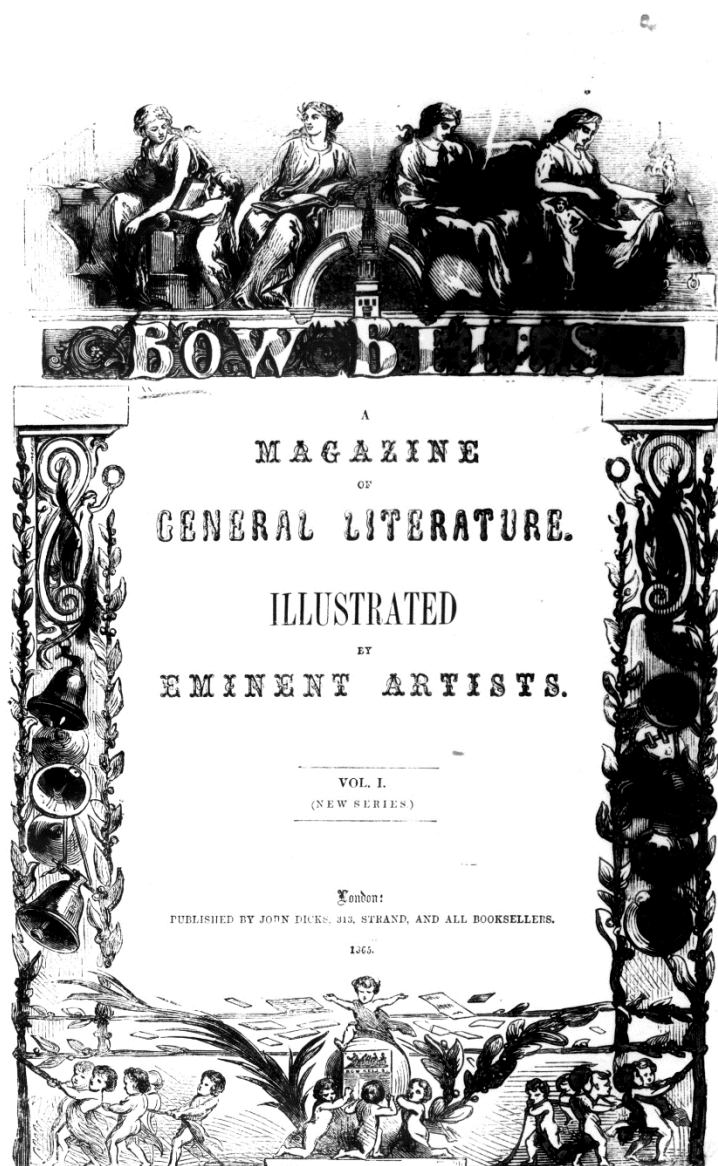
<sup>123</sup> THE ATHENAEUM. Tyrone Constitution, 22 mar. 1867.

<sup>124</sup> ALTICK, op. cit.

gerenciar a editora até a década de 1960. O título *Bow Bells* faz referência a uma região da cidade de Londres, em que era possível ouvir os sinos da igreja St. Mary-le-Bow, a qual estava situada em East End, era conhecida por ter um sotaque próprio denominado “cockney” e, na época, era composta majoritariamente de bairros operários e pobres. O local da sede da revista era uma das exceções a esse cenário, no entanto, era comum o nome da revista fazer alusão ao lugar onde era produzida e, pelo endereço da editora, parece ser esse o caso.

O subtítulo da revista mudou ao longo dos anos, a qual foi lançada como “uma revista semanal de literatura e arte geral, para leituras em família e ilustrada com várias gravuras” e passou para “uma revista ilustrada de literatura geral por artistas eminentes”. Importante salientar que, entre as três revistas analisadas, a *Bow Bells* é a única que em seu subtítulo – para além dos qualificativos mais comuns assumidos por outras revistas do período, como literária, noticiosa, artística etc. – assume a si mesma como uma publicação para leitura em família. Cabe sinalizar também que o adjetivo “ilustrado” também permanece na revista durante todo o período pesquisado e, entre as três revistas pesquisadas, a *Bow Bells* trazia maior número de ilustrações.

Figura 6 – Capa da revista *Bow Bells*.



Fonte: Internet Archive<sup>125</sup>.

A capa da *Bow Bells* (Figura 6) demonstra alguns aspectos que são interessantes de evidenciar e que nos ajudam a entender a natureza de sua proposta. Acima do título, vemos quatro mulheres em vestimentas clássicas, gregas ou romanas, o que já nos indica a importância das referências à antiguidade

<sup>125</sup> INTERNET ARCHIVE. *Bow Bells 1864-1865: Vol 1 Index*. Internet Archive, [S.I.], 2023. Disponível em: [https://archive.org/details/sim\\_bow-bells-a-magazine-of-general-literature-and-art\\_1864-1865\\_1\\_index/mode/2up](https://archive.org/details/sim_bow-bells-a-magazine-of-general-literature-and-art_1864-1865_1_index/mode/2up). Acesso em: 20 mar. 2023.

no imaginário da época. Essas mulheres estão realizando atividades ligadas às artes, podendo-se inferir que elas são representações de quatro das nove musas, deusas gregas das artes. Ao fundo e no centro, vemos duas gravuras de igrejas: (i) a que aparece à direita faz alusão à catedral de St. Paul; (ii) a do centro consiste na representação da torre do sino da igreja St. Mary-le-Bow. Além disso, as colunas laterais trazem sinos que são outra referência à ligação da revista com a igreja.

O preço de venda da revista era equivalente a 1 pence, aproximadamente 25 centavos da libra esterlina, preço este que, segundo estudiosos da imprensa no período, corresponde ao barateamento dos periódicos e impressos, circunstância que os tornam acessíveis para novas camadas da população inglesa. A propósito, o *Dictionary of Nineteenth-Century Journalism In Great Britain and Ireland*<sup>126</sup>, quando descreve a revista *Bow Bells*, evidencia que um dos direcionamentos da revista é ajudar àqueles que têm sua mobilidade social como objetivo, com artigos de aconselhamento em gramática e etiqueta, guias de culinária e música. Durante o ano de 1865, seu alcance foi expressivo, vindo a veicular 200.000 exemplares.

Apresentando-se como uma revista para leitura de toda a família, a publicação, nas suas aproximadas 30 páginas por edição, é bem estruturada em seções bastante diversificadas, sendo, entre as três revistas analisadas aqui, aquela que contém maior número de ilustrações. Suas diferentes seções, entre as quais há inclusive colaboração dos leitores, são dedicadas a novelas em série, artes, ciência e jogos, bem como a curiosidades e notícias sobre espaços e hábitos de países distantes ou cidades e lugares históricos. A análise de seus volumes indica que seu público-alvo era a baixa classe média, principalmente mulheres, com seções da revista dedicadas inteiramente a afazeres domésticos e moda, podendo-se mencionar uma seção de destaque direcionada ao público feminino, trabalhada

---

<sup>126</sup> BRAKE, Laurel; DEMOOR, Marysa (ed.). *Dictionary of Nineteenth-Century Journalism In Great Britain and Ireland*. Bélgica: Academia Press, 2009.

com várias ilustrações e demonstrando bastante cuidado editorial, intitulada “The Ladies Pages”. Tal seção, a cada número, trazia indicações e conselhos sobre moda e, principalmente, dicas sobre como realizar trabalhos de costura, contando inclusive com moldes e orientações para a confecção de trajes diversos, bem como lições de crochê e tricô com diferentes receitas sobre como tecer diferentes peças de vestuário ou de uso doméstico, como é possível verificar por meio da Figura 7.

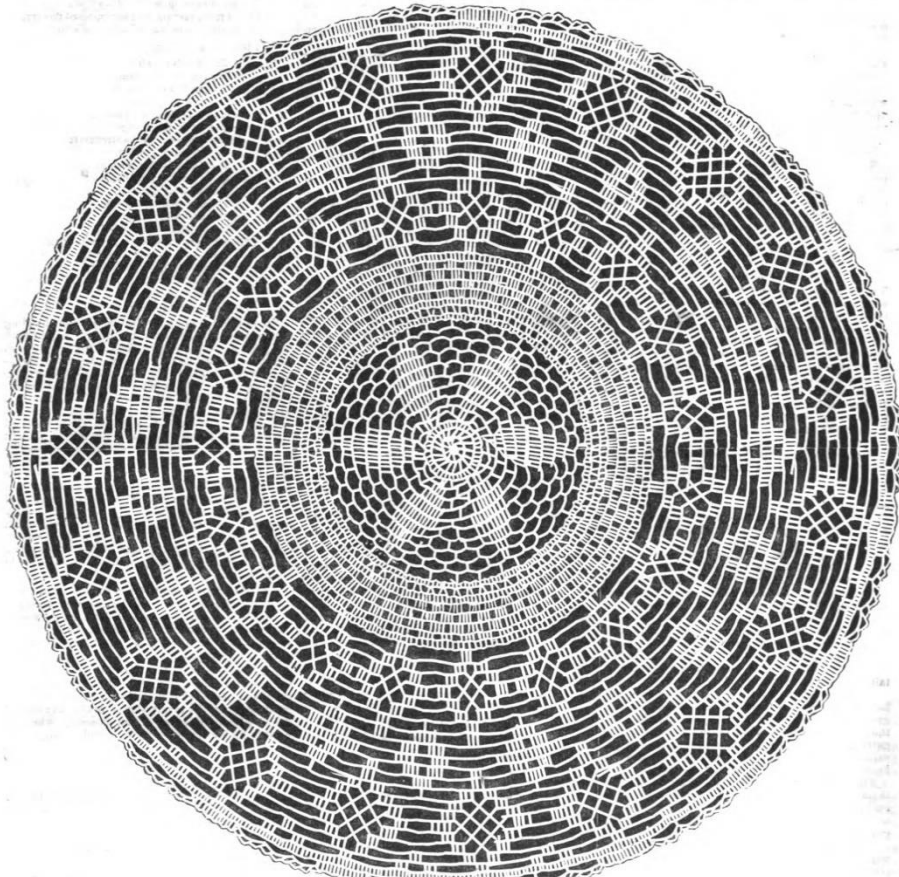
Figura 7 – Página da Seção “The Ladies Pages”.

20 BOW BELLS. [JULY 21, 1867]

**FISHING FOR OFFERS.**  
A good deal of this sort of angling is done in fashionable society, and it may be justly characterized as a heartless, unladylike sport. Some women pride themselves on the number of offers they have rejected, recalling them with as much complacency as the “noble savage” exhibits when counting the notches in the handle of his tomahawk, each of which indicates the taking of a scalp. When one of these heart-slayers meets her fate from Cupid’s cross-bow, and is left to pine un-cared for by the object of her worship, it is impossible to pity her. The event is in accord with

This reflection should be a sufficient salve for their wounded pride.  
More than a century ago, an anonymous writer, who had probably been entrapped into making an offer by some soulless coquette, proposed that love-making should be governed by fixed laws, to be recognised and subscribed to by both sexes. Among the points which he wished to have determined as a basis for a “Code of Courtship” were these:—  
“How great the contraction of the fingers must be before it amounts to a squeeze of the hand.  
“What can be properly termed an absolute denial from a maid, and what from a widow  
“What advances a lover may presume to make

**THE WORK-TABLE.**  
**SMALL TABLE COVER, IN CROCHET.**  
MATERIALS.—Penelope Crochet Hook, No. 2, and Boar’s Head Crochet Cotton, No. 4.  
Commence in the centre of the cover with 6 chain, and make it round; then work in treble, chain, and double crochet, from the design given, being careful to form the stitches evenly. Finish the cover with a deep fringe of cotton looped into each chain. This same design would be suitable for cheese or bread cloths.



**SMALL TABLE COVER**

poetic justice, and the victims of her vanity and caprice are most righteously avenged. It is not difficult for a fascinating woman to lure a man into a declaration of love. She has a thousand little arts at her command, which she can practise unseen by the general eye, upon a suitor; and then insist, quite plausibly, that she has “given him no encouragement.” It is ineffably mortifying to a sensitive man to be treated in this way; and no generous woman is ever guilty of such a dishonourable piece of strategy. The rejected have, therefore, this consolation,—they know, or ought to know, that their fair beguilers do not possess the qualities which are most desirable in a wife, after having received a pat upon the shoulder from his mistress’s fan.  
“What construction a man may put upon a smile, and in what case a frown goes for nothing.”  
These questions are as pertinent (perhaps the ladies will say as *impertinent*) now as they were a hundred years ago; and there are many more, equally to the purpose, which will suggest themselves to the reader in reference to this particular subject.  
If women knew their power, and wished to exert it, they would always show sweetness of temper, for then they are irresistible.

**CORNER FOR HANDKERCHIEFS.**  
This elegant design should be worked in well-raised satin stitch, with W. Evans and Co.’s Embroidery Cotton, No. 30. The hole should be sewn over with No. 26 cotton.

**CROCHET INSERTION.**  
The design given is suitable as a stripe for curtains or antimacassars. It should be worked with Messrs. Walter Evans and Co.’s Boar’s Head Crochet Cotton, No. 6, if for curtains; but if for antimacassars, use No. 10, and Penelope Crochet Hook, No. 3. The open squares are formed of 2 chain, and the close ones of 2 treble.

Digitized by Google

Original from  
UNIVERSITY OF MINNESOTAFonte: Hathi Trust Digital Library<sup>127</sup>.

<sup>127</sup> HATHI TRUST DIGITAL LIBRARY. Bow bells : a magazine of general literature and... n.s.v.7 (1867/68). Hathi Trust Digital Library, [S.I.], 2023. Disponível: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=umn.31951000731476s&view=1up&seq=32>. Acesso em: 20 mar. 2023.

Entre essas seções, não há dúvida de que o carro-chefe da revista era a publicação de novelas em série, cujos capítulos se estendiam por várias edições da publicação. Como estratégia para manter a atenção e a fidelidade dos leitores, cada número da revista trazia tanto capítulos das novelas já em andamento como prometia ou iniciava a publicação de capítulos de novas séries (Figura 8). Algumas dessas novelas eram assinadas por autores romancistas populares daquele período; outras, entretanto, eram publicadas sem sequer identificação dos autores. Com títulos como “Who will save her<sup>128</sup>”, “Which conquers – Love or Money<sup>129</sup>” e “The Gipsy Bride<sup>130</sup>” e ilustrações sugestivas, tais novelas atraíam e mantinham o interesse de seus leitores e leitoras das camadas médias, construindo enredos que reforçavam os valores familiares e moralizantes e um imaginário composto de romantismo, intriga e mistério.

---

<sup>128</sup> HATHI TRUST DIGITAL LIBRARY. Bow bells: a magazine of general literature and... n.s.v.20 (1874). Hathi Trust Digital Library, [S.I.], 2023. Disponível: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=umn.31951000731488l&view=1up&seq=555>. Acesso em: 20 mar. 2023.

<sup>129</sup> HATHI TRUST DIGITAL LIBRARY. Bow bells: a magazine of general literature and ... ser.2 v.021 yr.1874 mo.JUL-DEC. Hathi Trust Digital Library, [S.I.], 2023. Disponível: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.d0003640901&view=1up&seq=9>. Acesso em: 20 mar. 2023.

<sup>130</sup> HATHI TRUST DIGITAL LIBRARY. Bow bells: a magazine of general literature and ... n.s.v.20 (1874). Hathi Trust Digital Library, [S.I.], 2023. Disponível: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=umn.31951000731488l&view=1up&seq=447>. Acesso em: 20 mar. 2023.



enredos várias referências ao Egito, seja descrevendo viagens ou caracterizando hábitos, costumes e crenças de seus personagens, o espaço da revista de maior valia para nossa pesquisa foi a seção intitulada “Adventures, National Customs and Curious Facts”, a qual era dedicada à difusão de conhecimentos sobre territórios, hábitos e costumes de diferentes países e povos. Nela, em meio a referências sobre a vida em Pompéia, práticas chinesas de culinária, descrições de terras longínquas, como a Islândia e o Ártico, encontramos várias referências ao Nilo, aos faraós, às pirâmides, à Cleópatra e às crenças egípcias. Os circuitos de difusão da revista são indicados tanto pelos estudiosos da imprensa como por seus editores ou pela própria análise das colunas de colaboração dos leitores. Tais apontamentos revelam a diversidade e o interesse do público de classe média e de famílias da classe trabalhadora inglesa.

Pista interessante sobre o alcance da circulação e o público-alvo de *Bow Bells* é fornecida pelos vários anúncios postados pela revista em diferentes jornais da imprensa londrina. Para se ter uma ideia dessa difusão, reproduzimos o anúncio (Figura 9) que fez propaganda de um número especial da revista que viria a público na semana do “dia dos namorados”, que, segundo a revista, é dedicado ao “amor e àqueles que amam<sup>132</sup>”. O anúncio, assumindo-se como a revista mais bem-sucedida e de maior sucesso na Inglaterra daquele período, argumentou no sentido de convencer as leitoras que o número especial para o “Valentine’s Day” foi cuidadosamente preparado para seu público, finamente ilustrado com imagens que podiam ser destacadas para compor os álbuns das senhoras e senhoritas, e trazia também a “cupid bag”, que podia ser enviada a possíveis pretendentes por apenas 2 pences.

---

<sup>132</sup> BOW Bells For Valentine's Day. Illustrated Weekly News, ano 1865, 18 fev. 1865.

Figura 9 – Anúncio da revista *Bow Bells*.

**CUPID'S LETTER-BAG.**  
**B O W     B E L L S**  
FOR  
**VALENTINE'S DAY**  
**IS NOW READY.**

It is universally conceded that **BOW BELLS** is the most successful and popular periodical of the age; and the proprietors are determined to conduct it with undiminished spirit. That this is no empty boast, the following announcements will prove:—

Great preparations have been made to produce  
**A GRAND VALENTINE NUMBER**  
for the week containing the Day that is decreed to  
**LOVE AND LOVERS;**  
and, accordingly, that number will present a veritable  
**CUPID'S LETTER-BAG**  
to the notice of the Public; so that when the bag is opened, its contents will be found to comprise

**FOUR VALENTINE TALES**  
AND  
**ONE VALENTINE POEM,**  
from the pens of the following talented and well known  
Authors:—

|                                                                                                                                                |                                                                                                                                     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>MADAME DE CHATELAIN,</b><br><b>ELIZA WINSTANLEY,</b><br><b>WINNIFRED STANLEY LANE,</b><br><b>MADAME ELISE,</b><br>and<br><b>ELIZA COOK.</b> | <b>ILLUSTRATED BY</b><br><b>E CORBOULD,</b><br><b>KENNY MEADOWS,</b><br><b>PALMER,</b><br><b>HUARD, and</b><br><b>T. H. WILSON.</b> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

The same Number contains the Opening Chapters of a New Tale, entitled  
**ONE TREE SQUARE:**  
A Tale of Mystery and Absorbing Interest.

In addition to the usual Number with its **TWENTY-FOUR** Pages, there is  
**A SUPPLEMENT**  
of **EIGHT PAGES**, containing numerous Patterns of Needlework, and an Original Song, entitled

**ST. VALENTINE'S DAY,**  
By that popular Composer, **W. H. MONTAGOMERY.**  
Thus the  
**VALENTINE NUMBER OF BOW BELLS**  
Contains  
**THIRTY-TWO PAGES,**  
Profusely Illustrated with First-class Wood Engravings.

But that is not all! In addition to the attractions already enumerated, the  
**VALENTINE NUMBER**  
is accompanied by  
**TWO COLOURED PICTURES,**  
Beautifully executed and printed on Toned Paper, either to be bound in with the Volume when completed, or for insertion in a Lady's Album, or else for framing, according to the taste of the possessor.

These Pictures are the two first of a Series to be continued MONTHLY, and which embraces the design of presenting **PORTRAITS** of all the **CROWNED SOVEREIGNS OF THE WORLD**, accompanied by **VIEWS** of their Principal Palaces. The former will be delineated by **EDWARD CORBOULD**, and the latter by **PERCIVAL SKELTON.**

The **TWO COLOURED PICTURES** accompanying the  
**VALENTINE NUMBER**  
are as follow:—

1. **QUEEN VICTORIA**, in her Royal Robes.
2. **WINDSOR CASTLE.**

Having thus described the principal attractions belonging to the **VALENTINE NUMBER OF BOW BELLS**, it only remains to be stated that the Price for Number, Supplement, and Pictures, **ALL INCLUDED**, will only be **TWOPENCE**; without Supplement and Coloured Pictures, **ONE PENNY.**

Order through any Bookseller; or remit Three Stamps to  
**J. DICKS, 513, Strand, London.**

Fonte: Illustrated Weekly News<sup>133</sup>.

<sup>133</sup> BOW Bells For Valentine's Day. Illustrated Weekly News, ano 1865, 18 fev. 1865.

A revista *Belgravia*, por sua vez, foi um periódico literário mensal lançado na Inglaterra vitoriana em novembro de 1866 que continuou a ser publicado até 1899 e, durante sua existência, passou por algumas mudanças do título, com pequenas variações, a saber: (i) de 1866 a 1876, o título foi *Belgravia: A London Magazine*; (ii) de 1876 a 1888, *Belgravia: An Illustrated London Magazine*; e (iii) de 1888 a 1899, voltou a seu título original, o que parece indicar que a revista mais do que nas ilustrações, se consolida como uma revista literária. Além de volumes mensais, havia também um volume anual e um especial de fim de ano, o que possibilitava ao leitor guardá-la e colecioná-la junto com outros materiais na biblioteca particular de cada casa inglesa. É pertinente frisar também que, em seus subtítulos, a *Belgravia* assumia ser uma revista londrina para sugerir que estava direcionada ao público leitor de Londres ou que poderia tratar de qualquer região da agitada cidade de Londres para os leitores interessados.

Seu primeiro volume foi lançado por 1 shilling, que equivale a 2,96 libras esterlinas, preço considerado altamente acessível quando comparado a outras revistas literárias da época, no entanto, muito acima da revista *Bow Bells*, o que sugere que estava dirigida a um público leitor um pouco diferenciado da primeira revista analisada. Essa diferenciação pode ser percebida pela própria percepção que a imprensa tem sobre a revista, sendo que o artigo que consta da Figura 10 consiste numa crítica à *Belgravia* publicada em um jornal a fim de avaliar o exemplar de lançamento da revista, sinalizando que esta era “há muito esperada e prometida ao público londrino”. Diferentemente dos anúncios referentes à *Bow Bells*, que, para além da leitura ficcional de entretenimento, destacam a utilidade de suas seções e conteúdo para a vida cotidiana de seus leitores e leitoras, verifica-se pela crítica a qualidade da edição e a notoriedade de seus colaboradores, o que subentende o conhecimento pelo público dos gravuristas e pintores e dos escritores citados. Comentando quase todas as matérias da citada edição de *Belgravia* a crítica tece elogios desde a composição da capa da revista,

considerada inovadora, dando o maior destaque para a identificação de autores e colaboradores dentre os quais destaca a própria Brandon e Sala.

Figura 10 –Anúncio do lançamento da revista *Belgravia*.



Fonte: The Morning Herald<sup>134</sup>.

Durante suas mais de três décadas de existência, *Belgravia* passou por diferentes editoras, tendo como primeiro editor John Maxwell, marido de Mary

<sup>134</sup> BELGRAVIA. The Morning Herald, 12 out. 1866.

Elizabeth Braddon, que foi a editora-chefe da revista até a venda dela, em maio de 1876, para a editora Chatto & Windus, ficando sob a chefia de Andrew Chatto até 1889, quando foi novamente vendida, mas agora para F. V. White & Co. A revista atingiu seu maior número de tiragem em 1868, vindo a publicar 18.000 revistas anualmente, número este que se manteve estável até próximo da saída de Braddon.

Mary Elizabeth Braddon foi uma autora inglesa que nasceu em 1835 em Londres e começou sua carreira como atriz, mas logo se tornou conhecida por seus livros. Ao longo de sua vida, publicou mais de 80 livros, poemas e contos, sendo um deles, *Lady Audley's Secret*, de 1862, um dos marcos inaugurais do sensacionalismo inglês. Sua obra foi publicada, majoritariamente, em capítulos nos jornais e revistas da época, sendo que seu primeiro livro foi publicado em 1859 enquanto ainda estava nos palcos e, em 1866, tornou-se editora da *Belgravia*; ressalta-se, entretanto, que não foi primeira vez que assumiu a função de editora, tendo trabalhado também em outra revista que havia pertencido ao seu marido. Após deixar a editoria da *Belgravia*, em 1876, não realizou publicações de sua autoria durante dois anos em razão de uma suposta depressão pós-parto, vindo a se afastar da literatura sensacionalista após isso e somente retornando a escrever em outra publicação anual de Natal intitulada *The Mistletoe Bough*.

Diferentemente da *Bow Bells* na qual a importância das novelas em série rivalizava com outros conteúdos da revista mais ligados a moda e a conselhos úteis sobre a vida cotidiana, o objetivo principal da *Belgravia* era a divulgação e popularização do romance sensacionalista que nela ocupava um grande número de páginas. Aqui saliente-se que o sensacionalismo surgiu na Inglaterra do século XIX como um novo gênero literário que focava em histórias de crime e mistério, beirando o terror em alguns casos. Cada número mensal da revista era composto por uma média de 100 a 120 páginas, das quais mais da metade eram preenchidas com fragmentos ou capítulos de um ou mais romances. Assim, da mesma forma

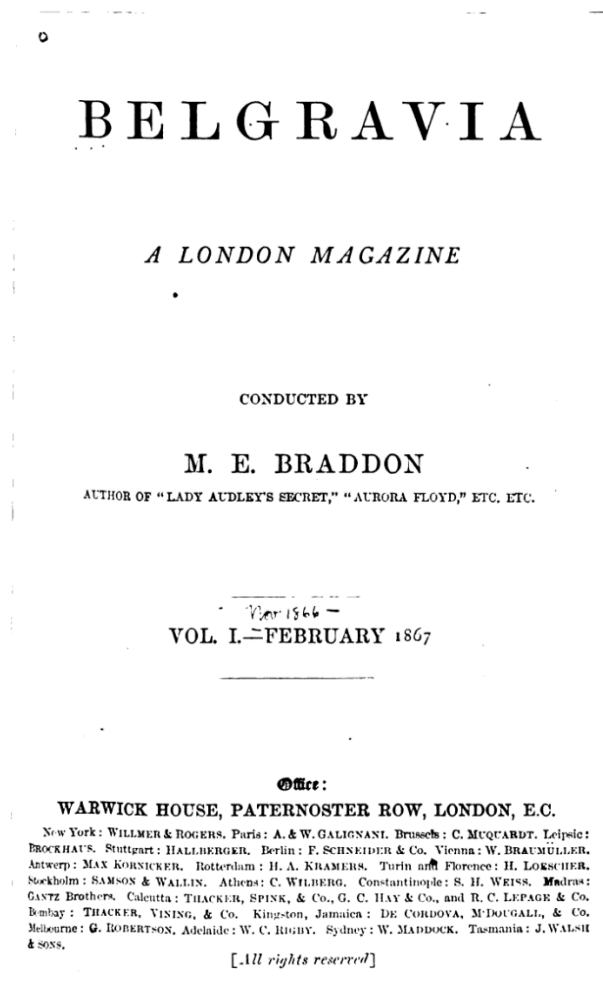
que a *Bow Bells*, aguçava a curiosidade do leitor com a sequência do enredo de um ou mais romances como estratégia da revista para manter cativo seu público leitor. Nestas seções da revista voltadas para as novelas em série, além das novelas de Brandon, *Belgravia* franqueava suas páginas para vários outros autores do gênero relativamente conhecidos como Percy.H Fitzgerald, Desmond Ryan, Annie Thomas, entre outros. Para tratar a respeito do sensacionalismo, frisa-se que este surge com o lançamento de três livros, quais sejam: *The Woman in White*, de Wilkie Collins, *East Lynne*, de Ellen Wood e *Lady Audley's Secret* de Mary Elizabeth Braddon. *The Woman in White* é uma história de detetive com múltiplos narradores, construindo para o leitor a imagem de testemunhas em um julgamento, sendo este um dos objetivos do autor, que tinha formação em Direito. *East Lynne* concerne numa trama de identidades trocadas, assassinato, um inocente preso, um julgamento e uma confissão no leito de morte. *Lady Audley's Secret* consiste num livro de identidades duplas, tentativas de assassinato, loucura, bigamia e ascendência social. Os três foram inicialmente publicados como seriais em revistas e, posteriormente, publicados em volumes.

Nos números da *Belgravia*, autores publicavam capítulos de suas obras, poemas, resenhas, contudo, sob a direção de Braddon, outro espaço para artigos de relativo fôlego que ocupavam entre cinco e sete páginas foi criado – que depois foi retirado pelos editores seguintes –, no qual biografias, narrativas de viagem e ensaios científicos, históricos e de moda tinham seu espaço. Aqui os ensaios abordam desde notícias da atualidade como a exibição internacional de Paris, resenhas e críticas literárias de obras de autores conhecidos, até ensaios mais curiosos como sobre a história dos braceletes e dos broches ou sobre as serpentes venenosas. A forma como tais ensaios são escritos e a abordagem dessas narrativas, que assumem pretensamente científico e informativo, as diferenciam das seções com os mesmos propósitos publicados na *Bow Bells*. Para além da extensão das narrativas, aqui os assuntos adquirem um tom formativo enquanto

na Bow Bells se voltam através do relato de curiosidades ou conselhos úteis entreter ou prestar um serviço ao leitor. Para ter uma ideia desta diferença indique que enquanto na Bow Bells podemos encontrar um pequeno artigo que busque ensinar as leitoras como se maquiar como Cleópatra, na Belgravia encontraremos um artigo que aborda a história dos cosméticos desde a antiguidade.

Braddon publicou alguns de seus trabalhos nas páginas de *Belgravia*, como *To the Bitter End* e *Dead Sea Fruit*. Ao mesmo tempo, eram publicados artigos de astronomia, bem como resenhas de narrativas de viagem, devendo-se considerar que a revista se colocava como uma alternativa a tantas outras revistas literárias ilustradas da época.

Figura 11 – Capa da revista *Belgravia*.



Digitized by Google

Original from  
HARVARD UNIVERSITY

Fonte: Hathi Trust Digital Library<sup>135</sup>.

A capa da *Belgravia* (Figura 11) limitava-se a textos verbais, que traziam em destaque o nome de sua editora e fazendo referência a suas obras mais conhecidas. O título e subtítulo se apresentam em fonte simples, centralizados na página; na parte inferior, encontrava-se a lista de agentes editoriais que fariam a distribuição da revista internacionalmente – esta última afirmação é feita com base na pesquisa realizada pelos nomes

<sup>135</sup> HATHI TRUST DIGITAL LIBRARY. *Belgravia*. v.1 (1866-67). Hathi Trust Digital Library, [S.I.], 2023. Disponível: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.hw28k9&view=1up&seq=11>. Acesso em: 20 mar. 2023.

mencionados e pela dependência que havia, no início, das editoras americanas em relação às publicações inglesas<sup>136</sup>.

Diferentemente da revista *Bow Bells*, a *Belgravia*, apesar de durante alguns anos após Braddon mudar seu subtítulo para incluir a palavra “Illustrated”, não teve em seus volumes nenhum grande destaque para ilustrações. A revista apresentava poucas ilustrações, as quais se restringiam a artistas de certo renome na época e, de maneira geral, eram ou do ambiente doméstico (Figura 12) ou de imagens do interior da Inglaterra (Figura 13).

---

<sup>136</sup> MCVEY, Sheila. Nineteenth century America: publishing in a developing country. In: AMERICAN ACADEMY OF POLITICAL AND SOCIAL SCIENCE, 421., 1975. *Annals...* Philadelphia: AAPSS, 1975. p. 67-79.

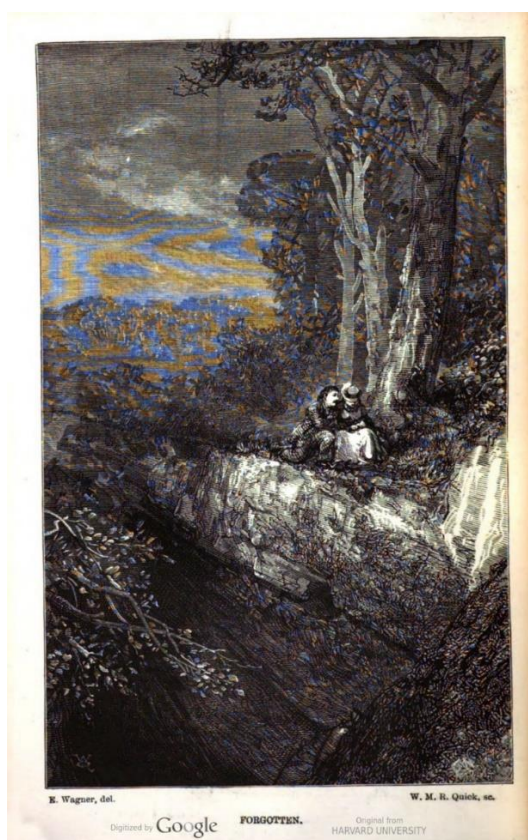
Figura 12 – Mrs. Halliday is Reproached.



Fonte: Hathi Trust Digital Library<sup>137</sup>.

<sup>137</sup> HATHI TRUST DIGITAL LIBRARY. Belgravia. v.1 (1866-67). Hathi Trust Digital Library, [S.I.], 2023. Disponível: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.hw28k9&view=1up&seq=8>. Acesso em: 20 mar. 2023.

Figura 13 – Forgotten.



Fonte: Hathi Trust Digital Library<sup>138</sup>.

No que diz respeito a organização interna dos conteúdos da Belgravia , vale por fim mencionar a seção “ Letters from Lilliput” , através da qual George Augustus Sala, conhecido autor e jornalista da época que escreveu em inúmeras revistas em jornais diários, relata suas descobertas sobre outras culturas e hábitos. Trazendo já no título, através da referência a ilha fictícia do romance “As Viagens de Guliver” de Jonathan Swift, o sentido do distante e do exótico, Sala que atou como correspondente estrangeiro do Jornal londrino Daily Telegraph, em tom tido como sensacionalista por seus contemporâneos, escrevia sobre diferentes temas relativas a cultura e os hábitos de outros povos.

<sup>138</sup> HATHI TRUST DIGITAL LIBRARY. Belgravia. v. 17 1872: Mar.-June. Hathi Trust Digital Library, [S.I.], 2023. Disponível: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924065959466&view=1up&seq=62>. Acesso em: 20 mar. 2023.

A revista *The Athenaeum*, por fim, foi lançada em janeiro de 1828 como uma revista mensal dedicada à cultura com o objetivo de se tornar “um recurso para distintos filósofos, historiadores, oradores e poetas de nossa era<sup>139</sup>” sem o uso de “exageros ou falsidades<sup>140</sup>”. Como indicado no capítulo anterior, a revista tomava para si a tarefa de promover a educação do público leitor e orientar suas escolhas frente à profusão de impressos então disponíveis. Assim, seu público-alvo era a classe média emergente, mas, diferentemente da *Bow Bells* e mesmo da *Belgravia*, não objetivava o alcance de novos públicos populares compostos pelas famílias de diferentes categorias de trabalhadores urbanos, não misturando seus conteúdos à vida corrente e cotidiana e se concentrando no leitor que lê e que busca em sua leitura algo que traga acréscimos para a sua formação intelectual. Não obstante, a *The Athenaeum* também se posicionava no novo mercado de periódicos e, logo em seus primeiros anos, o preço de venda da revista, que era de 8 pences, foi reduzido pela metade, isto é, passou para 4 pences, equivalentes a 1,34 libra esterlina, o que, segundo indicações de estudiosos da imprensa inglesa, fez a tiragem crescer até 18.000 exemplares. O destaque ao preço também aconteceu pela qualidade do conteúdo que foi destacado no anúncio do lançamento do primeiro número, em 1828 (Figura 14).

---

<sup>139</sup> HATHI TRUST DIGITAL LIBRARY. *The Athenaeum*. yr.1828.. Hathi Trust Digital Library, [S.I.], 2023. Disponível: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.31158005687222&view=1up&seq=8>. Acesso em: 20 mar. 2023.

<sup>140</sup> *Ibid.*

Figura 14 – Anúncio da *The Athenaeum*.

Fonte: Morning Herald<sup>141</sup>.

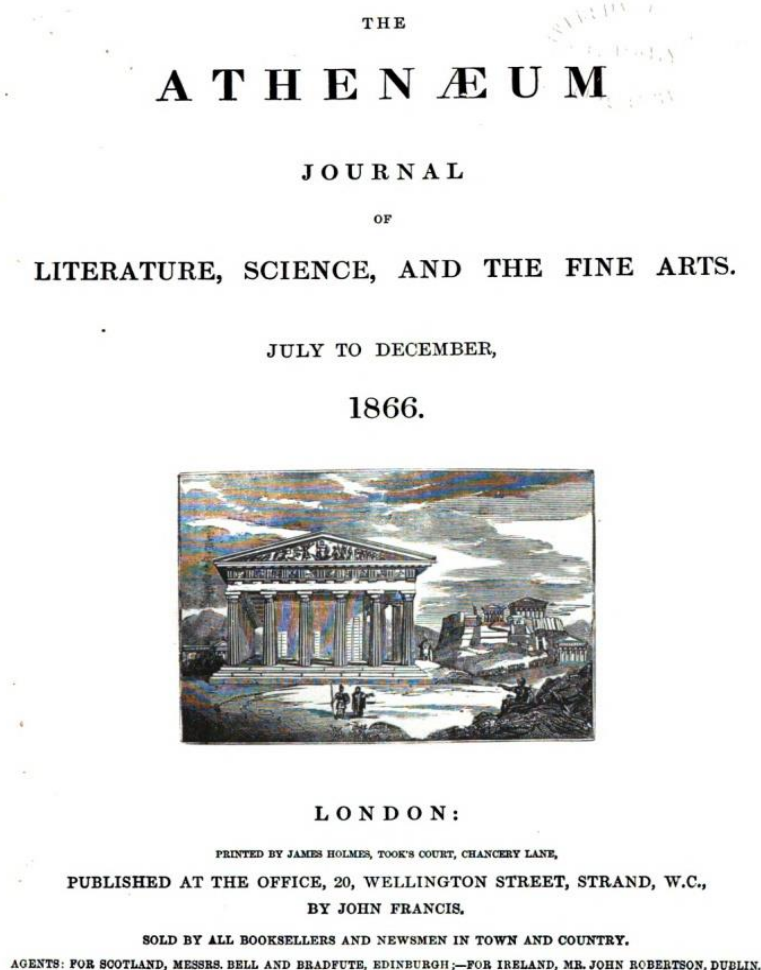
O periódico passou por diversos editores, sendo o mais importante deles – e também proprietário até o ano de 1864 – o Sir Charles Wentworth Dilke, oficial da marinha inglesa que, a partir dos anos 1820, dedicou-se à literatura e à crítica literária. Entre 1846 e 1869, a revista foi perdendo prestígio, entretanto, em 1869, um novo dono da editora alterou o editor-chefe, fazendo a *The Athenaeum* florescer novamente por mais três décadas, quando novos autores contribuíram para a revista promovendo discussões e publicações de destaque científico. Entretanto, a revista foi descontinuada em 1920, após se unir a outras revistas.

Não houve mudanças de título significativas na *The Athenaeum*, mantendo seu subtítulo “Journal of Literature, Science and the Fine Arts” durante toda sua tiragem. Houve uma mudança logo no início de sua publicação, em 1828, quando

<sup>141</sup> ATHENAEUM. Morning Herald, Londres, ano 1828, 4 jan. 1828.

absorveu outro periódico literário e se chamou durante alguns volumes *Athenaeum and London Literary Chronicle*, e outra no final de sua publicação, quando foi absorvida pelo periódico *The Nation* e passou a se chamar *The Nation and the Athenaeum*. A capa da revista tinha ao centro uma gravura que trazia uma paisagem grega de templos, o que pode se referir aos três significados diferentes da palavra *Athenaeum*, a saber: (i) templo dedicado à deusa Atena; (ii) sala de leitura ou biblioteca; e (iii) associação dedicada à leitura e aprendizagem. Quanto a outras ilustrações além da que está presente na capa (Figura 15), não há nenhuma no corpo do periódico.

Figura 15 – Capa da revista *The Athenaeum*.



Digitized by Google

Original from  
UNIVERSITY OF CHICAGO

Fonte: Hathi Trust Digital Library<sup>142</sup>.

Prometendo cumprir seu intuito de contribuir para a educação e o refinamento da educação de seu público leitor, a *The Athenaeum* dedicou a maior parte de suas páginas a resenhas de obras sobre os mais diferentes assuntos até então lançadas no mercado editorial inglês. Tais resenhas, geralmente assinadas por personagens reconhecidas no mundo literário, científico e artístico do período, buscavam não só indicar os lançamentos importantes de cada área, mas também

<sup>142</sup> HATHI TRUST DIGITAL LIBRARY. *The Athenaeum*. 1866 v.2. Hathi Trust Digital Library, [S.I.], 2023. Disponível: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=chi.79233293&view=1up&seq=7>. Acesso em: 20 mar. 2023.

motivar e conduzir as escolhas de seu público. Geralmente, ocupando entre 4 a 6 páginas, as resenhas críticas versavam sobre obras que iam desde as ciências matemáticas e astronomia até a apreciação de obras teatrais, romances e poemas. Buscando também se posicionar no mercado editorial das publicações periódicas, a revista trazia na seção “Periodical Critique” avaliações sobre a qualidade de jornais e revistas vindas a público naqueles anos. Confirmando esse projeto editorial voltado para educação do leitor comum, a revista continha sempre diversos anúncios sobre livrarias e livros, assinaturas de periódicos e obras de referência, como enciclopédias.

## 4 O EGITO NAS REPRESENTAÇÕES DE PAPEL

No capítulo A Imprensa Inglesa de Revistas: Belgravia, Bow Bells e The Athenaeum trabalhamos a natureza das revistas vitorianas que se constituíram como fontes centrais para a pesquisa e problematizamos o lugar destas revistas no universo da imprensa periódica e na constituição do imaginário vitoriano do século XIX. Como indicado anteriormente, neste capítulo nos dedicaremos à análise mais detalhada das referências ao Egito de cada uma das revistas e procurando explorar as imagens atribuídas a terra dos faraós e seus significados em relação a Egitomania.

Fazendo uso dos conceitos de imaginário e orientalismo discutiremos como o passado do Egito se constrói para aquele presente vitoriano buscando problematizar a força dessas referências na constituição de um determinado imaginário sobre o Egito em diferentes camadas do público leitor da época.

Nesta direção, em primeiro plano há que ressaltar que sob domínio do governo inglês, com proximidade geográfica com a Europa, o Egito aparece como um dos territórios mais atrativos dentre aqueles que compõem as áreas de influência do imperialismo inglês no século XIX. No que se refere as disputas entre os potenciais imperialistas, este é um momento em que a supremacia do imperialismo inglês sobre o francês é comemorada. Não obstante, nas revistas pesquisadas a figura de Napoleão e sua expedição ao Egito, continuam sendo elogiadas e considerados como ato inicial desta expansão. Exemplo desta visão pode ser encontrado no volume V da Bow Bells onde foi publicado o artigo **The Battle of the Pyramids**, no qual a expedição de Napoleão que saiu da França em maio de 1798 é descrita como uma verdadeira epopeia.

O relato acompanha a trajetória da expedição indo da tomada do porto de Malta, fortaleza conhecida por sua impenetrabilidade, daí seguindo para Alexandria, que tomada por Napoleão em poucos dias, foi organizada como

primeiro ponto de estudo e exploração de antiguidades e monumentos. A partir de Alexandria, no que é descrito como uma marcha incessante, a frota consolida a ocupação da cidade do Cairo e o texto destaca o papel de Napoleão como um comandante exemplar, que se coloca no mesmo nível do mais baixo soldado, e relata a derrota do exército mameluco que são rapidamente repelidos pelo que se descreve como a destreza dos franceses. Essas descrições são extensas e detalhadas, e passam a impressão de colocar cada lado na batalha não somente como franceses contra mamelucos, mas ocidente contra o oriente. A chegada ao Nilo é descrita como um oásis ou paraíso para o exército exausto. O cenário da conquista definitiva, que se deu com poucas perdas e na qual Napoleão é descrito entrando no Cairo vitorioso e com a população se curvando ao seu sucesso já indica o imaginário sobre a terra conquistada:

“No pé dessas pirâmides toda a planície estava cheia de homens armados, brilhando em um display bárbaro de plumas e ouro, e estandartes brilhantes que sempre descreveu o Oriente”<sup>143</sup>

Aqui importante indicar que para além da transformação da expedição em uma epopeia do ocidente contra o oriente e na construção da figura de Napoleão como herói ocidental daquela conquista, o artigo mostra um Egito definido por duas cidades, um deserto e pirâmides. A descrição dos habitantes e do exército mameluco parece estereotipado e reducionista, com uma visão restrita e que ao mesmo tempo pretende abranger o Oriente como um todo.

A visão do continente Africano, mas principalmente do Egito como um território sob domínio econômico e cultural do imperialismo inglês é assumido como parte do triunfo dos modos de vida ocidentais. E, para além das constatações sobre o predomínio econômico, destaca-se a expansão de diversas dimensões culturais. Exemplo desta mentalidade que se espraia também pela imprensa pode ser percebido em um pequeno artigo publicado sob o título **“Supremacy of the English Language”** na Bow Bells no final de 1873 que orgulhosamente indica

---

<sup>143</sup> The Battle of the Pyramids. Bow Bells, p. 332, 31 out. 1866.

que o inglês “is fast becoming the language of the world”. No mesmo artigo, comemorando o predomínio do imperialismo inglês sobre o francês e as vitórias da expansão inglesa, indicando que o inglês naquele momento já superava o francês como língua mais falada no mundo, o autor argumenta que:

“O francês pode continuar sendo a língua das cortes, mas a língua comercial do mundo é indubitavelmente o inglês, e seu conhecimento está se espalhando com cada novo porto na Ásia e na África aberto ao comércio e com o advento de viajantes que falam inglês ou colonos no Japão, China e Egito.”<sup>144</sup>

Tais visões nos ajudam a iniciar a discussão dos materiais selecionados neste capítulo que pretende articular a perspectiva colocada por Said, de que os conceitos de Oriente e Ocidente são construções humanas, não há no globo uma divisão senão aquela construída pelo esforço de se criar uma identidade, e usando como alavanca uma construção do Outro<sup>145</sup>. Como propõe Said em seu livro, *Orientalismo*:

“O Oriente, esse constructo semimítico que, desde a invasão do Egito por Napoleão, no fim do século XVIII, já foi feito e refeito um sem-número de vezes, sempre pela força agindo por intermédio de um tipo expediente de conhecimento cujo objetivo é asseverar que tal ou qual é a natureza do Oriente, e que devemos lidar com ele condizentemente.”<sup>146</sup>

As revistas selecionadas como fonte estão disponíveis no arquivo HathiTrust, formado por uma comissão de várias bibliotecas e universidades que digitalizaram seus acervos. É importante indicar que, utilizando o sistema de pesquisa do site, por meio de um levantamento e identificação detalhada das referências ao Egito que se realizou via pesquisa da incidência dos termos “egypt”, “egyptian”, “egyptians”, “nile”, “pharaoh”, “mummy”, “mummies”, “cleopatra”, “obelisk”, “pyramid”, “pyramids”, “sphinx”, “gizeh”, “giza”,

<sup>144</sup> No original: French may remain the language of the courts, but the commercial tongue of the world is undoubtedly the English, and the knowledge of it is spreading with every fresh port in Asia and Africa opened to commerce, and with the advent of English-speaking traveller or settler in Japan, China and Egypt. Bow Bells, vol. 19 (1873/1874), pag.77.

<sup>145</sup> Coloca-se aqui o Outro em letra maiúscula como uma forma de destaque assim como fez Said em sua obra *Orientalismo*.

<sup>146</sup> SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

“hieroglyphic”, “hieroglyphics”, “hieroglyph”, “hieroglyphs”, “hieroglyphical”, “cairo” em cada uma das edições das três revistas no período, chegamos a totalizar mais de 5 mil menções em diferentes seções e momentos destas revistas. Na revista *Belgravia*, tem-se 482 menções; na revista *Bow Bells*, 796 menções; e, na revista *Athenaeum*, 4434 menções.

As menções na revista *Bow Bells* são mais variadas do que na *Belgravia*. Enquanto na revista de Braddon a quantidade de textos ficcionais é bem maior do que as dos não-ficcionais, na *Bow Bells* as referências ao Egito podem ser identificadas numa maior variedade de gêneros textuais e em diferentes seções da revista. Já a *Athenaeum* apresenta referências estritamente não ficcionais, pois a revista não tem a publicação de romances. É verdade que muitas destas referências são menções rápidas que mais do que falar sobre o Egito já supõem um repertório comum de significados indicando que as referências ao Egito já estão incorporadas ao mundo e a fala corrente e cotidiana do inglês do final do século XIX. Como ainda propõe Said, essas referências constituem representações hegemônicas do imperialismo europeu sobre o oriente, indicando que para além de pensarmos a fidedignidade de tais referências é preciso compreender que;

“Assim, todo orientalismo representa e se afasta do Oriente: o fato do orientalismo fazer sentido depende mais do Ocidente do que do Oriente, e esse sentido tem uma dívida direta com várias técnicas ocidentais de representação que tornam o Oriente visível, claro, “presente” no discurso a seu respeito.” (SAID, 2019, pag. 52)

A difusão das referências ao Egito na Imprensa, a articulação dos periódicos como espaço de atualização do orientalismo em *Egitomania*, podem ser percebidos num primeiro nível pela própria incorporação dessas referências ao universo vocabular da narrativa das revistas. Menções sobre o Nilo, Cleópatra, múmia(s), esfinge, hieroglifo(s) já pressupõe do leitor um conhecimento prévio tratado como senso comum.

Assim, vemos que as menções ao Nilo, identificadas em diferentes narrativas, sugerem que o rio parece já estar incorporado aquilo que Said

denominou a geografia imaginativa da África e do Egito que conforma o imaginário do inglês. Desta forma em vários momentos o Nilo é cenário imponente de batalhas ou de expedições de exploradores ingleses que contribuíram para o conhecimento do Egito, servindo desta forma para o enaltecimento da expansão europeia sobre o continente africano. Também aparece como rota de viagens e de encontro com paisagens exóticas e lugar onde perigosos animais como os crocodilos, cobras e serpentes espreitam os viajantes. Os deslocamentos da Inglaterra ao Egito e, principalmente ao Cairo e Alexandria, seja em viagens de turismo ou de negócios e trabalho, emergem como roteiros e destinos previsíveis para os ingleses daquele tempo.

Se o Nilo é quase sempre o pano de fundo das aventuras inglesas, por seu turno, Cleópatra, numa imagem estereotipada, é transformada num personagem familiar e conhecido, sendo mencionada como sinônimo de beleza e sedução. Em um dos textos de Belgravia chamada de Mary Stuart do Nilo, Cleópatra é representada como uma mulher poderosa que sabe usar artifícios como a maquiagem ou as joias para aumentar seu poder de sedução.

Indique-se também que no que se refere a práticas da vida cotidiana como a decoração de ambientes, receitas culinárias, objetos de uso diário ou mesmo as formas de vestir, usar ornamentos ou se maquiar parece que o termo egípcio, mas do que designar procedência diz respeito a um estilo – o estilo egípcio. Assim, as casas ou outros estabelecimentos possuem salões e halls egípcios, a porta de um prédio é descrita como parecida com a de uma pirâmide egípcia, o cuidado com as lagostas é feito usando potes semelhantes àqueles usados no Egito, a seção de moda recomenda o uso de tecido com a borda egípcia, os braceletes e brincos tem desenhos no estilo egípcio, as velas são postas em candelabros egípcios e toalhas são estampadas com hieroglifos.

Um exemplo claro fornecido pelas revistas sobre a incorporação dessas referências relacionados ao cotidiano inglês é o da seção “Our Own Sphinx”, uma seção de charadas e enigmas da revista Bow Bells, que tem o caráter de mero

passatempo, na qual para além do próprio título, com frequência aparecem enigmas que usam como dica ou tem como respostas algumas referências seja a geografia, a história, aos monumentos ou a religião e as crenças egípcias herdadas da antiguidade.

Assim, uma primeira dimensão através da qual a egitomania se torna visível na análise dos conteúdos veiculados pelas revistas diz respeito a própria linguagem e terminologia usada nas diversas narrativas.

Embora mais frequentes nos textos ficcionais, como os romances, contos e crônicas as referências ao Egito encontram-se espalhadas e misturadas aos conteúdos de diversas seções. Em grande parte dessas menções, vê-se a figura de linguagem ‘comparação’ definida pelo dicionário Michaelis como “Figura que consiste em aproximar duas ideias similares, visando a criar polêmica poética ou maior clareza.”.

Uma outra dimensão bastante frequente nos conteúdos sobre o Egito diz respeito as discussões sobre as atitudes e crenças religiosas praticadas pelos egípcios, suas relações com as divindades e o sagrado, suas concepções e práticas sobre a vida e a morte.

Articulada a estes conteúdos sobre o sagrado, mas por vezes indo além da dimensão religiosa, são as narrativas que abordam diversas dimensões das paisagens e das práticas culturais dos antigos egípcios como misteriosas, estravagantes ou exóticas.

A admiração e o reconhecimento frente ao legado egípcio no que se refere aos avanços no conhecimento em diversas áreas contrasta com os preconceitos relativos a saberes e atitudes frente a natureza e a vida considerados mágicos e irracionais.

#### **4.1 – A Egitomania ajuda a compor enredos, personagens e cenários das novelas em série e outras narrativas**

Como se indicou anteriormente, as revistas pesquisadas, principalmente a *Bow Bells* e *Belgravia*, tem como seu principal conteúdo as novelas em série que funcionam como principal atrativo dessas publicações. Para o que interessa nesta parte da reflexão é importante indicar que embora as novelas não se configurem como as seções com maior número de referências explícitas ao Egito, surpreende a forma como tais referências aparecem quase como elemento corriqueiro dessas narrativas ficcionais seja na composição de personagens e enredo ou das paisagens e cenários. Aqui, o primeiro fato a chamar atenção são as menções breves que somente mencionam o Egito ou algo relacionado a este de passagem, sem ser de vital importância para o enredo. Entretanto, em tais referências, nota-se que não parece haver um motivo para tal e que essas referências ocorrem por fazer parte do cotidiano inglês vitoriano.

Uma primeira referência ao imaginário sobre o Egito nos textos ficcionais é o fascínio pela figura feminina de Cleópatra e sua presença quase como um personagem destas novelas em série. Embora a referência a rainha egípcia e seus atributos seja frequente na narrativa ficcional de muitos dos autores das novelas em série publicadas nas duas revistas, chama a atenção a presença quase obrigatória dessas referências nas novelas de autoria de M. Elizabeth Brandon, que como indicamos anteriormente era não só a editora da *Belgravia* como também uma das escritoras de maior sucesso de público da Inglaterra naquele período. Aliás, os materiais ficcionais com autoria de Brandon analisados estão cheios de referências não só a figura de Cleópatra, mas também a muitas outros personagens e dimensões da cultura egípcia.

Assim nas novelas de Brandon, mas também de outros autores, é frequente a comparação dos personagens femininos com um a imagem cristalizada de Cleópatra. Nessas narrativas, frequentemente, seja por meio de metáforas e comparações, Cleópatra, denota beleza e poder de sedução. Assim em vários textos as personagens femininas têm sua beleza descrita como a de Cleópatra; em

outros momentos a comparação denota poder de sedução, mas também extravagância e exotismo, ou ainda como uma figura feminina ousada e que desafia as regras sociais. Destaque-se também que a relação afetiva de Cleópatra com Antonio como uso frequente na caracterização da paixão entre os personagens, e da força de sedução da mulher na relação afetiva. Assim o personagem masculino pode se referir a intensidade de seu amor como aquele que Antônio sentiu por Cleópatra; ou outro em que se compara a confiança e o charme de mulheres de sucesso com aquele que Cleópatra deve ter possuído para subjugar o coração de César.

Outras referências comuns nos textos ficcionais são aquelas que transformam o Egito cenário de parte da narrativa ou como um dos destinos de deslocamento de personagens. Assim as novelas estão cheias de personagens retornando ou indo ao Egito, seja para as cidades egípcias como Cairo e Alexandria, seja para viagens pelo Nilo ou ao vale das pirâmides. As viagens ao país são geralmente descritas como uma ‘um tour de prazer e curiosidade’, indicando que no imaginário inglês o Egito foi visto como um lugar para se apreciar o exótico e como lugar de fuga dos invernos rigorosos, por questões de saúde ou não. Em outras citações, no entanto, embora a cultura egípcia seja apresentada com reverência como parte da herança ocidental, o Egito contemporâneo emerge como um território desconhecido e perigoso e sua gente como estranha, misteriosa e, por vezes, perigosa.

No romance “Troubled Waters”, em um dos capítulos que foi publicado no volume VI da Bow Bells de 1867, a menção única do Egito é quando é dito de passagem e sem maior importância para o enredo da história que um dos personagens viajou para o Cairo.

“Things went on in very much the same way with Vale till the season was over; then he disappeared. Some witlings said he had gone to propagate racing in foreign parts. He was heard of occasionally at Paris, Carlshure, Roe, Naples, Cairo, and Biarritz.”

Assim, a menção ao Egito aparece somente por uma indicação destino frequente de viajantes ingleses e o Cairo, aparece lado a lado com cidades cosmopolitas europeias como Paris, Nápoles e Biarritz, desenhando um circuito internacional de viagens que inclui a cidade. Aqui, a referência não tem relação com Egito antigo sugerindo mais o reconhecimento do cosmopolitismo da cidade do Cairo no final do século XIX.

Aliás, também em alguns artigos de outras seções das revistas que não as novelas em série, encontramos esse elogio ao progresso do país, que nesta acepção é sinalizado pelo desenvolvimento das relações capitalistas e da modernização ocidentalizada de territórios e cidades egípcias, como aparece em um breve artigo publicado sob o título **Modern Progress In Egypt**, na seção “Adventures, National Customs and Curious Facts” da Bow Bells Vol XIX de 1873. No artigo, o autor, elogiando o espírito empreendedor do Khediva Egípcio de então e seus Pashas, destaca inicialmente os investimentos e empreendimentos e a chegada do progresso no campo, que são constatados numa paisagem na qual em toda a extensão do Nilo, no interior de grandes plantações de cana-de-açúcar, encontram-se “immense sugar manufactories work by steam” que detém maquinário moderno e que chegam a empregar até 2500 trabalhadores. Da mesma forma o movimento de progresso e modernização da cidade do Cairo é identificado pelo processo de demolição acelerado das casas antigas e construção de novas casas e palacetes, pela abertura das grandes avenidas, pelos novos serviços de fornecimento de gás e água e até pela instalação da ponte de ferro no trecho do Nilo que corta a cidade. (Bow Bells Vol XIX de 1873, p.8)

Outro artigo que reforça esta visão de rápida ocidentalização das cidades egípcias e da concorrência destas com outros destinos cosmopolitas de turismo dos ingleses como Roma e Paris é o artigo **Wintering in Egypt** de autoria de J. Lewis Farley publicado no volume 20 de 1873 da revista Belgravia. Declarando como seus objetivos desfazer preconceitos e chamar a atenção dos leitores

ingleses para as vantagens de passar o inverno no Egito, nele o autor discorre sobre os progressos recentes experimentados pelo país e principalmente pelas cidades do Cairo e Alexandria. Novamente, em tom elogioso ao governo do Khediva egípcio, assim como no artigo anterior, busca descrever os enormes progressos alcançados pelo país principalmente a partir da abertura do Canal de Suez. Para se ter uma ideia do tom desta avaliação sobre o progresso do Egito e do elogio ao processo de ocidentalização de suas cidades basta reproduzir suas observações sobre Alexandria. Segundo Farley o inglês chegado à cidade:

“veria o porto de Alexandria, provavelmente o melhor do mundo, repleto de novos quebra-mares e novas docas em fase de conclusão; armazéns cheios de algodão, grãos e outros produtos agrícolas, prontos para exportação; ferrovias em operação ou em construção em todos os lugares, na verdade, os sinais de crescente civilização e prosperidade.” E completa mais a frente “Ele veria a própria Alexandria mais como uma cidade europeia do que oriental, com seu magnífico edifício e sua 'Place des Consuls', que excede em tamanho e beleza qualquer praça encontrada na Europa.”<sup>147</sup> (Belgravia, Vol. 20, pag. 69)

Independentemente de menções mais explícitas as cidades e ao progresso, nos relatos ficcionais e em artigos diversos sobre a vida dos ingleses no período o Egito está presente em várias dimensões. Assim nas novelas encontramos personagens cuja discussão política se refere a situação do Egito, outros que mencionam ter adoecido durante seu tour pelo país, personagens se deslocam para o Cairo ou Alexandria em missões oficiais ou para diferentes postos de trabalho. Nos periódicos, para além dos percursos dos viajantes destacam-se os artigos sobre o progresso trazido pelo desenvolvimento das suas relações comerciais com a Europa.

---

<sup>147</sup> No original: would see the harbour of Alexandria, the finest, probaly, in the world, crowed with new breakwater and new dock in course of completion; warehouses filled with cotton, grain, and other agricultural produce, ready for export; railways in operation or in couse of construction everywhere, in fact, the signs of increasing civilization and prosperity.” E completa mais a frente “He would see Alexandria itself more like na European than a Eastern city, with its magnificent building and its ‘Place des Consuls’, that exceed in size and beauty any square to be found in Europe. Belgravia, Vol. 20, pag. 69

Em outro exemplo, mais frequente em relação a conformação de um imaginário da egitomania pode ser encontrado no romance **The Brethren of the Black Mill**, publicado na Bow Bells. Nele encontramos apenas duas menções do Egito, uma usando da comparação, e outra sobre um personagem que menciona um explorador que conheceu e que trazia em sua bolsa maravilhas vindas do Egito.

“Oh, mas marquesa, implorou Gertrude, ele não é um mascate como os vendedores ambulantes comuns. Ele vem de terras distantes – do Egito e da Índia; e sua mochila está cheia das coisas mais lindas e curiosas do mundo”<sup>148</sup>

Assim como indicado anteriormente, o Egito passa a compor também as paisagens frequentes da ficção e os exploradores e suas aventuras personagens interessantes e familiares. Embora subentendida, a menção a “as mais belas e curiosas coisa do mundo”, diferentemente várias das menções analisadas anteriormente tem como ponto de referência as relíquias do Egito antigo. Aqui, as referências as viagens “científicas” de exploradores e as menções ao “botin” realizado sobre o patrimônio cultural egípcio por exploradores e aventureiros aparece como façanha a ser reconhecida.

Assim, encontramos novelas nas quais há um jantar em que um dos convidados será um jovem explorador, recém-chegado da África, que entreterá os outros convidados com histórias sobre o Nilo e encontros com crocodilos; em outro encontramos um personagem que enriquece fazendo palestras sobre suas façanhas no Egito; o vale das pirâmides as façanhas de exploradores renomados animam as conversas entre os personagens.

Um exemplo claro e mais detalhado do fascínio pelas relíquias egípcias bem como da construção desta figura do explorador pela ficção pode ser encontrado na novela “**A Night with King Pharoh**” que tem a autoria de Baron

---

<sup>148</sup> No original: Oh, but Marchioness, pleaded Gertrude, he is not a peddler like the common sort of hawkers. He comes from distant lands – from Egypt and India; and his pack is full of the most beautiful and curious things in the world

Schlippenback, publicada no volume 9 de 1869 da *Belgravia*. Na novela que conta a história de uma expedição ao vale das pirâmides, a figura do explorador é descrita com admiração, sendo representado por um homem “young, rich, enthusiastic”, que “going through desert-sands, copy carthouches, follow the very footsteps of Herodotus” (*Belgravia*, vol.9.1869, pag.196). Na narrativa da novela a expedição de um grupo de exploradores ingleses é apresentada como um longo trajeto pelo Nilo até as pirâmides durante o qual as conversas dos personagens versavam “about nothing but lotus, columns, hieroglyphics, Belzoni’s discoveries, obelisks, and the vocal Memnon”’s P.204, e um dos passageiros em vários momentos lia Heródoto em voz alta. O desfecho da trama acontece com a chegada dos viajantes-exploradores a uma tumba ainda não explorada, localizada com a ajuda de carregadores núbios e guias árabes, e a exploração das riquezas daquele monumento recém-descoberto. Indique-se que a descrição do interior da tumba parece se inspirar nas feitas sobre outros monumentos por exploradores como Belzonni, que é citado no texto como modelo a ser superado. Aqui, por meio da narrativa ficcional o Egito aparece como nos propõe Said, como a de um museu a céu aberto. Nesta direção vale reproduzir a descrição que num clima de mistério e fascínio o autor faz do interior de Tumba visitada, que segundo os mesmos na volta a Inglaterra deveria ser descrita por eles num artigo para o jornal *Times*.

“As paredes eram cobertas com esculturas e hieróglifos, brilhantes em ricos vermelhos, azuis e amarelos; reis sentados com seus portadores de leques, sacerdotes, ministros e soldados. [...] Passagens, portais, mais escadarias, depois câmaras oblongas, fossos misteriosos, salões com pilares e ninhos intrincados de pequenos quartos, cheios de esculturas representando todas as fases da vida egípcia mil anos atrás”<sup>149</sup> (p.207)

---

<sup>149</sup> No original: The walls were covered with sculptures and hieroglyphics, brilliant in rich reds, blues, and yellows; kings seated with their fan-bearers, priests, ministers, and soldiers. [...] Passagens, doorways, more staircases, then oblong chambers, mysterious pits, pillared halls, and intricate nests of small rooms, filled with sculptures representing all the phases of Egyptian life a thousand years ago

Importante indicar que seja na ficção ou em outros gêneros de narrativas que compõem os periódicos analisados, as expedições de exploração assim como a figura do explorador ganham um grande destaque. Assim um interessante artigo do vol. XX da *Bow Bells* de 1874 busca traçar a biografia e trajetória de Sir Samuel Baker, que era reconhecido como um dos exploradores mais importantes daquele momento, salienta que muito se deve aos exploradores que na segunda metade do século XIX se dedicaram a exploração do continente Africano o fato de então a Inglaterra ser considerada como a nação pioneira na empreitada que buscava estender a civilização aos diversos cantos do planeta. No artigo em que vários outros exploradores como David Livingstone, Speke, Burton são nomeados como antecessores de Baker, descreve-se como principais objetivos das expedições de exploração o de estender a civilização e o comércio entre a Inglaterra e os povos aborígenes do continente africano. Na análise destes e de outros artigos similares, cabe enfatizar a difusão desta mentalidade que ao mesmo tempo que elogia a grandeza das pirâmides e outros monumentos e relíquias do Egito Antigo, considera que no presente as nações africanas e seus povos como incivilizados. Neste sentido, vale a pena reproduzir abaixo a fala atribuída ao próprio Samuel Baker sobre os países que percorreu: “Não creio que esteja longe o dia em que esses países, até então perfeitamente incivilizados, serão graduados, atraídos para o âmbito da Civilização.”<sup>150</sup>

Para o que interessa nossa reflexão sobre a egitomania e a transformação dos exploradores em figuras de prestígio e sucesso público naquele período indique-se que a própria figura de Sir Samuel Baker e as citações e relatos sobre sua expedição a nascente do Nilo são temas abordados por diversos artigos nas

---

<sup>150</sup> No original: I do not think the day is far from distance when those countries, hitherto perfectly uncivilized, will be degrees, be drawn within the pale of Civilization. *Bow Bells*, Vol. XX, pag. 342

revistas consultadas. Tal é o caso do artigo **The Sources of the Nile**<sup>151</sup> publicado no volume V da revista *Bow Bells* de novembro de 1866.

O artigo trata da exploração da nascente do Nilo, que como indicado anteriormente, era assunto que estava em destaque na época. Com trechos dos escritos do casal, o texto descreve a mais recente novidade nos esforços para se descobrir a nascente do rio Nilo que foi feita por Samuel Baker e sua esposa numa expedição, considerada como o mais notável triunfo da geografia moderna e descrita como uma jornada das mais interessantes e repleta de desafios e emoções. O autor do artigo enfatiza a presença da senhora Baker junto ao marido como um fato inusitado na história das explorações e que empresta glória adicional ao feito do casal. Um dos trechos citados detalha a conversa de Baker com o chefe de uma tribo que é o responsável pelas chuvas, por manter a saúde de seu povo, um líder espiritual, demonstrando um pouco das crenças locais bem como os preconceitos da visão ocidental. O outro trecho é da chegada do explorador a nascente do rio onde ele declara que a “Inglaterra conquistou as nascentes do Nilo!”<sup>152</sup> e deu o nome da monarca inglesa e de seu consorte para os dois grandes lagos. Em todo o artigo a figura de Baker enquanto explorador é destacada, assim como seu sucesso e as honras que recebeu como o título de cavaleiro da rainha e a medalha de ouro da Sociedade Real de Geografia. Ademais, segundo o autor, a expedição que levou a grande descoberta geográfica seguiu o espírito das viagens de exploração anteriores que foi o de civilizar o mundo incivilizado. Segundo autor “in this spirit that England – at all events since the days of Elizabeth – has undertaken the task of civilizing the globe” (p.342)

---

<sup>151</sup> The Sources of the Nile. **Bow Bells**, Londres, Inglaterra, v. 5, p. 356-357, 7 nov. 1866. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=umn.31951000731474w&view=1up&seq=356&size=300>. Acesso em: 28 fev. 2023.

<sup>152</sup> The Sources of the Nile. **Bow Bells**, Londres, Inglaterra, v. 5, p. 356-357, 7 nov. 1866. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=umn.31951000731474w&view=1up&seq=356&size=300>. Acesso em: 28 fev. 2023.

Na verdade, o grande feito de Baker aparece com destaque não só na *Bow Bells* que era uma revista voltada mais para o entretenimento, mas também na revista *Athenaeum* que era voltada para um público mais elitizado e culto. Assim, no Volume I de jan/jun-1866, a seção de anúncios de novos livros da *Athenaeum*, divulga o livro *Albert Nyanza, Great Basin of the Nile* de Samuel W. Baker, com trechos do discurso que anunciou sua participação na reunião da Sociedade Geográfica daquele ano. O evento aparece também na seção de anúncios e resumos das atividades das sociedades científicas assim como outras aparições de Baker para diferentes sociedades. Nesse mesmo volume, tem uma resenha<sup>153</sup> do livro de dois volumes escritos por Samuel White Baker que foi anteriormente anunciado. O texto apresenta alguns dos episódios que Baker relata em seu livro, as dificuldades da viagem, as opiniões de Baker quanto a escravidão, que é duramente criticada e atribuída por ele como algo inerente ao continente africano e que não foi ensinada pelos europeus. Um dos relatos também detalha a opinião estereotipada e preconceituosa quanto ao negro, descrevendo-o como ‘folgado, orgulhoso, tolo, sem entendimento do que a filantropia europeia faz por ele’.

No que se refere a viajantes e exploradores parece interessante explorar um outro exemplo de narrativa que próximo a ficção também nos ajuda a analisar como as viagens ao Egito são propagadas pela imprensa seja no elogio aos exploradores, como nas citações anteriores ou como um lugar de turismo e prazer, mas também como um terreno perigoso a ser desbravado pelos viajantes. Esse é o caso da crônica de viagem chamada ‘**An Englishman In Egypt**’ publicada no volume V, de 1866, da revista *Bow Bells* na seção da revista “Adventures, National Customs and Curious Facts”. Diferentemente das expectativas sobre a natureza do texto que se esperaria numa seção com este título, ou seja, relatos e narrativas descritivas sobre os lugares e questões abordadas, o texto se aproxima muito mais da narrativa ficcional sobre os perigos enfrentados por ingleses numa

---

<sup>153</sup> <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.c3470629&view=1up&seq=672>

viagem pelo Nilo e que tem como pano de fundo uma possível relação amorosa. Tal estratégia que parece aproximar a narrativa das diversas seções da *Bow Bells* das novelas e de outros gêneros de ficção sugere que a relação que a revista estabelece com seu público se coloca muito mais no plano do entretenimento do que da formação e informação como se propõe por exemplo a revista *Athenauem*.

Na crônica, o autor supostamente relata uma excursão fluvial que realizou com um amigo, George, que está acompanhado da irmã, Helen, e que saindo do Cairo seguiria até as ruínas de Tebas e daí a alguns pontos de interesse no caminho Nilo abaixo. Para surpresa do leitor, embora logo de início a viagem pelo Egito seja definida como ‘um tour de prazer e curiosidade’, ao invés da esperada descrição das paisagens e monumentos percorridos durante o passeio, a crônica se concentra nos acontecimentos no interior da embarcação e na relação com o guia e tradutor Azem, contratado no Cairo, e por meio deste com a tripulação. E no relato sobre a primeira parte do percurso a referência é a de um território deserto no qual se vê muitos crocodilos e poucos humanos. Durante a viagem, Frank descreve que seu único ponto de contato com a tripulação é através do tradutor e que começa a desconfiar deste e dos outros quando durante uma chuva e forte neblina o barco para em uma área deserta. A crônica se desenrola pelo relato do enfrentamento armado vencido pelos ingleses com a tripulação que é descrita como sendo composta por “homens com aspecto de piratas furiosos, perigosos e traiçoeiros” que segundo o autor “planejavam em um ataque furtivo matar a ele e a seu amigo e tomar a mulher que os acompanha”. Após a luta que resulta na morte, ferimento ou fuga dos tripulantes, os viajantes continuam Nilo abaixo até achar uma cidade grande de onde retornam para Alexandria para deixar o país. Embora costurada com uma narrativa diferente daquela empregada nos artigos sobre as explorações e os exploradores citados, aqui também se constrói uma geografia do Egito, fora das grandes cidades, como um vazio entre pontos turísticos, como um deserto inóspito e perigoso. A representação é também negativa e preconceituosa sobre e a gente que ali vive. Assim, enquanto os

ingleses são descritos de forma elogiosa e positiva, sendo os homens honesto e corajosos e perspicazes e a personagem feminina atrativa, bela e de mente virtuosa, os personagens locais, que carecem de qualquer caracterização individualizada, sendo mencionados de forma genérica como tripulação, são caracterizados de forma preconceituosa, com estereótipos geralmente atribuídos a piratas como homens traiçoeiros, perigosos e desonestos.

O que se pode perceber em comum em todos os artigos aqui apresentados é a ausência do egípcio contemporâneo à Inglaterra vitoriana e a ausência de seus feitos científicos e/ou acadêmicos ou artísticos. Quando se tem uma menção não fictícia ao Egito do século XIX, geralmente essa é sobre a viagem ao Egito por exploradores ou turistas, ou então uma menção política ou militar, ou mais comumente, sobre as novas descobertas feitas pela egiptologia.

#### **4.2- A Egitomania e a leitura cristã sobre o sagrado na cultura egípcia**

Como indicado anteriormente, uma das dimensões bastante frequente nos conteúdos sobre o Egito diz respeito as discussões sobre as atitudes e crenças religiosas praticadas pelos egípcios, seus cultos e celebrações, suas divindades e suas concepções e práticas sobre a vida e a morte.

Nesta dimensão uma prática que parece fascinar e ao mesmo tempo que desperta a reprovação é a prática da mumificação. Como vimos na análise das narrativas literárias a referência a múmias e aos processos de mumificação surgem não só nas descrições de visitas a museus e exposições, sendo uma presença que parece se misturar no cotidiano dos ingleses, seja como o uso de pó de osso de múmia como remédios caseiros, como um pedaço de múmia como objeto de decoração e curiosidade em uma sala de estar ou como um termo comparativo à disposição de uma pessoa ou as camadas de roupa de inverno ou mesmo como algo a ser legado como uma herança ou um presente. Esses últimos casos são exemplificados na crônica de George Augustus Sala publicado na revista

Belgravia no volume 27 (jul/1875-out/1875), com o título *Wills and Bequests* e na seção “Our Weekly Gossip” da revista *The Athenaeum* no volume II de 1869.

A crônica de Sala é sobre testamentos e beneficiários que menciona que em um deles um pedaço de múmia é deixado para uma instituição. E, a menção da revista *Athenaeum*, é sobre uma múmia e seu sarcófago que foram dados de presente pelo príncipe de Gales a um museu de Exeter. O fascínio pela posse de uma múmia, ou uma parte de uma múmia, é demonstrado em diversos anúncios na seção de leilões<sup>154</sup> da revista *The Athenaeum* em que na listagem de objetos a serem leiloados naquela semana aparecem sarcófagos, múmias inteiras ou não, sempre com uma descrição de seu estado de conservação.

Um bom exemplo da leitura crítica em relação aos processos de mumificação e que se estende a múltiplos aspectos da religiosidade egípcia é o artigo escrito por W. Stigand ‘The Mummy’. O artigo extenso para os parâmetros da revista, e que se apresenta como um texto científico, embora esteja permeado de expressões como “isto tem sido dito” ou “parece que”, veio a público no volume 6 (jul/1868-out/1868) da revista *Belgravia* com autoria de W. Stigand, um autor nascido em 1825, que critica em seu texto as práticas egípcias de mumificação. O escritor inicia seu texto falando de diferentes formas de sepultamento da antiguidade, chegando logo no em seu objetivo que é o de discutir e criticar os rituais egípcios.

Logo de início aborda as crenças egípcias sobre a união entre corpo e espírito. Segundo sua leitura, na antiguidade o povo egípcio reverenciava o corpo humano como “a sacred deposit which the soul of the departed had left behind” e que a preservação e o bem-estar do corpo morto “was indisolubly conected with that of the spirit” e que neste sentido a prática da mumificação se colocava para o egípcio como um caminho de garantia da imortalidade. Aqui surge a primeira e a base da crítica cristã do autor quando, lançando mão da noção de alma do

---

<sup>154</sup> <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.c3470629&view=1up&seq=496&size=175>

cristianismo, indica como heresia uma crença segundo a qual o corpo humano é tão sagrado e divino quanto a alma. Tal fato segundo o autor foi um fator extremamente negativo para o país e seu povo, já que segundo ele:

“A maior parte da existência nacional do Egito, foi dito, parece ter sido gasta em uma luta contra as leis naturais da corrupção por cerca de quatro ou cinco mil anos; e as longas séries de sarcófagos de múmias, com suas decorações pintadas, com sua monótona uniformidade de olhos amendoados e hieróglifos indecifráveis para os não iniciados guardados em inúmeras criptas e cofres, como os rolos de papiro nas prateleiras de uma biblioteca romana, representam bem a interminável semelhança de anos da história egípcia”<sup>155</sup>

Assim, o autor critica o valor que os egípcios davam ao corpo o equiparando a alma, pois afirma que em quase todas as civilizações se veneram a imortalidade da alma como demonstrado por seus rituais mortuários e que a preservação do corpo retira deste toda a beleza. Define o Egito como:

“Pois toda a terra do Egito antigo se tornou apenas um vestíbulo do sepulcro – as pessoas viviam para morrer, e a principal preocupação de homens e mulheres devia ser como se tornar boas múmias”

Aqui importante indicar que todo este raciocínio e seus argumentos leva o autor a conclusão taxativa de que “this veneration of the mummy, of the death in na artificial, monotonous form, was a peniciously bad education for tle nation” levando avaliação de que o Egito na antiguidade “was litle else than a kind of tomb” (p.398).

O artigo, no entanto, prossegue em direção a uma de suas críticas fundamentais que é a da própria admiração dos europeus frente as múmias trazidas do Egito pelos exploradores e expostas nos museus e nas exposições internacionais e que se transformam em espetáculos “for London and Paris holiday people”.

---

<sup>155</sup> No original: The greater part of the national existence of Egypt , it has been said, seems to have been spent in a struggle against the natural laws of corruption for about four or five thousand years; and the long ranges of mummy cases, with their painted decoratios, with their monotonous uniformity of almond-shaped eyes and hieroglyphics indecipherable to the uninitiated stowed away in countless cripts and vaults, like the rolls of papyrus on the shelves of a Roman library, represent well the interminable similarity of years of Egyptian History

A seguir, parte significativa do texto é dedicada a uma descrição do que o autor identifica o setor dedicado aos negócios do embalsamento e a manufatura de múmias e, como seriam os setores envolvidos na mumificação, delineando também, ao mesmo tempo, o processo de embalsamento. que segundo ele estava localizado no centro da cidade de Tebas. Tal descrição, que aponta Tebas como tendo sido uma cidade necrópole, com uma região central exclusivamente dedicada aos mortos e seu preparo para a vida eterna. Com a pretensão de passar uma visão detalhada para o leitor inglês, Stigand traça comparações entre o preparo das múmias com a linha de montagem e organização das indústrias inglesas, comparando as diversas tarefas e setores daquele processo e a regularidade, a divisão do trabalho e as tarefas desenvolvidas pelos embalsamadores àquelas desenvolvidas pelos trabalhadores nas manufaturas da cidade industrial inglesa de Birmingham. Descreve como nas mãos de sacerdotes que supervisionavam diferentes castas de embalsamadores se dá o processo de tratamento do corpo morto que iria atender desde escravos, animais domésticos até ao faraó.

Stigand afirma que por esse apego ao corpo no pós vida reforça o materialismo ao invés da espiritualidade, e que foi por isto que o Egito nunca se sobressaiu nas artes e ‘nunca alcançaram uma real concepção do belo ou do ideal como as civilizações grega e romana’. Segundo este raciocínio é também devido a natureza destas crenças que o povo egípcio se encontrava sob a sujeição a “formas extintas” que na antiguidade egípcia toda noção de progresso tenha sido sequestrada pelo passado.

Por todo o artigo, há comparações das tradições cristãs com as egípcias, culto do corpo em detrimento da alma, a crítica a adoração de divindades com características de animais, com cabeças de águias, leões ou macacos, que se opõe a noção do homem como criação à semelhança de Deus. Por fim o autor atualiza seus argumentos quando tece críticas aos exploradores que buscavam as tumbas,

citando por nome Belzoni, um italiano que se tornou um dos mais famosos exploradores do século XIX, as exposições que transformam a exibição de múmias em espetáculos para os europeus, assim como a prática de alguns homens ricos na Inglaterra e em outros países de lançar mão do embalsamento de seus corpos após a morte.

Ideia bastante parecida com a do artigo anterior encontra-se no pequeno texto *Tombs of the Ancient Egyptians* publicado sem autoria no volume VI da revista *Bow Bells* de 1867. O texto discorre sobre os ritos funerários do Egito antigo e se inicia afirmando que “nenhum viajante jamais visitou o Egito que não tenha ficado impressionado com as extensas ruínas que são encontradas com tanta frequência no renomado vale do Nilo”. O início já demonstra o tom que o artigo tomará quanto a maneira em que o Egito será visto e como deve ser entendido pelo leitor, retomando a ideia anteriormente mencionada de Said, de um museu ao céu aberto. No entanto, ao invés de abordar o desenvolvimento avanço das ciências e das artes e, particularmente o da Egiptologia que segundo o artigo deve muito aos achados das relíquias e antiguidades encontradas nas tumbas, o texto se restringe a discussão sobre as práticas funerárias egípcias. Nele, após descrever as diferenças entre as tumbas de acordo com a posição de cada egípcio na hierarquia social e o que se devia esperar de achados em cada uma delas, volta a conclusão de que isso só é possível porque os egípcios eram um povo que gastava mais tempo na construção de suas tumbas do que das próprias casas.

Um outro viés de abordagem sobre as crenças egípcias é aquele que tem como alvo a curiosidade dos leitores para práticas religiosas e culturais diferenciadas e consideradas primitivas ou extravagantes. O artigo *Sacred Animals*, publicado no volume 20 de 1873 da revista *Belgravia* sem autoria definida, traz múltiplos exemplos de animais considerados sagrados em diferentes religiões, com um destaque para os que se referem ao Egito antigo. O texto, num tom que se pretende isento e científico, faz descrições detalhadas sobre a prática

de adoração de uma lista variada de animais, buscando aguçar a curiosidade do leitor pela produção do estranhamento frente as práticas religiosas consideradas primitivas e superadas pelo cristianismo

A descrição sobre a adoração dos bois nos dá uma ideia deste tipo detalhado de narrativa. Citando o boi sagrado de Memphis que era dedicado ao deus egípcio Osíris, o texto descreve o processo desde a escolha do animal até os rituais apor meio dos quais, caso o animal vivesse até o seu 25º ano ou tivesse uma morte natural, era sacrificado, embalsamado e enterrado junto com os outros escolhidos em uma cerimônia. Descendo a detalhes, o autor ressalta que esta tumba coletiva dos bois sagrados teria sido achada por um explorador.

Após tratar de outros animais venerados em ritos hindus ou outras regiões da África, o texto retorna aos exemplos ligados ao Egito antigo ao mencionar a observação da estrela Sirius da constelação de Cão Maior, assim nomeada pelos egípcios pois aparecia no céu quando chegava o momento da temporada de cheia do rio Nilo. Também gato, o lobo, o crocodilo são descritos como animais adorados no Egito. Ao final, após seguir com informações sobre adoração de outros animais em outras regiões, o artigo retoma as referências ao Egito ao descrever como o íbis, um pássaro que foi adorado no Egito antigo e assim como os outros exemplos já descritos, foram achados em covas coletivas, mumificados. Outros pássaros e peixes são citados pelo autor como sendo adorados por diferentes civilizações. Aqui importa indicar que não inocentemente, um dos últimos exemplos abordados é o da adoração de serpentes, animal que segundo o autor desde sempre tem sido o símbolo do mal. Para caracterizar o primitivismo de tais crenças salienta que as serpentes são adoradas principalmente em função do medo que desperta nos humanos indicando que em certas regiões da África ainda era possível assistir cerimônias que revelam a selvageria hedionda destes cultos.

Para além destas referências mais explícitas as crenças egípcias em relação a vida e a morte, seus ritos funerários, seus deuses e celebrações, também se encontram várias referências dispersas aos relatos bíblicos relativos à cristianização das crenças egípcias desde a antiguidade. Assim no Volume 31 (nov/1876-fev/1877) da revista *Belgravia*, o artigo *Astrology* de Richard A. Proctor, detalha como ocorreu a absorção de dias sagrados aos ritos religiosos egípcios pelo judaísmo e pelo cristianismo e é dado como exemplo o dia do Sabbath que era no Egito antigo o dia de descanso por estar ligado ao planeta Saturno que era nomeado por uma divindade de ‘natureza maligna’. Outra referência recorrente e que por vezes indica a escuridão no Egito é a relativa a história bíblica narrada no Livro Êxodo do antigo testamento, sobre as 10 pragas enfrentadas pelo povo Egípcio no processo de luta vencida pelo Deus dos hebreus contra os deuses egípcios.

Um outro artigo que coloca a crença egípcia em comparação com a crença cristã é a resenha do livro *Texts from the Holy Bible Explained by the Help of the Ancient Monuments With a Few Plans and Views*<sup>156</sup> de Samuel Sharpe publicada no volume II de 1866 da revista *The Athenaeum*. No livro, o autor usa imagens copiadas de pergaminhos e monumentos egípcios para ilustrar e explicar passagens bíblicas, contando com a tradução de hieroglifos para determinar que as ideias de ressurreição dos hebreus e dos egípcios eram paralelas. O autor da resenha critica essa atitude de colocar o cristianismo como algo em comum com a religião pagã egípcia e algumas das traduções feitas por Sharpe.

#### **4.3. Egito: nascedouro dos saberes ocidentais**

Uma das dimensões que é discutida neste capítulo é a dos saberes que aparecem em referências ao Egito presentes nas três revistas *Belgravia*, *Bow Bells* e *Athenaeum*. Um tema que aparece nas três fontes é o dos avanços alcançados

---

<sup>156</sup> <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=chi.79233293&view=1up&seq=217&skin=2021&size=200>

pelos egípcios em diversas áreas do conhecimento e da importância destes na formação e desenvolvimento das ciências ocidentais. Em vários textos que trazem o histórico de um conhecimento, enfatizam o Egito como o nascedouro dos saberes ocidentais. O tom dos artigos demonstra uma valorização dos saberes dos egípcios em diversas áreas e esses conhecimentos são considerados uma das heranças da antiguidade greco-romana.

Nesta avaliação sobre a importância desta concepção sobre a apropriação de uma herança que vem da antiguidade greco-romana encontra-se um interessante artigo sobre a filologia, o estudo da língua e das tradições narrativas publicado no vol. 17 do ano de 1872 revista *Belgravia*. Já no título, “Old Wines in New Bottles” o autor remete a sua ideia central de que as ideias modernas têm suas raízes na antiguidade e que se os estudos indicam um processo evolutivo através do qual invariavelmente uma mesma ideia é continuamente adaptada a diferentes circunstâncias históricas e geográficas. No artigo em que o autor descreve como nos estudos sobre a conformação histórica dos conhecimentos ocidentais, principalmente da mitologia e filologia, destaca-se a avaliação de que as ideias modernas constituem sucessivas releituras das já formuladas na antiguidade. Para além dos vários exemplos que busca raízes para tradições morais e humorísticas carregadas por lendas, mitos e fábulas europeias na antiguidade, o autor constrói um processo que traça uma linha direta da apropriação cristã do conhecimento que de Roma remonta a Grécia e tem como espaço inicial as tradições e saberes egípcios. Assim, segundo Taylor: “The Romans undoubtedly borrowed from the greeks to enrich their mythology, and the latter from still more ancient Egyptians” (pag.193). Interessante ainda apontar a ideia de que os processos de incorporação grega da herança egípcia é uma questão obscura. Assim, falando sobre o peso dos saberes da antiguidade na conformação das tradições ocidentais o autor argumenta que “among these the greeks come

first. But whether they struck them from their own mint, or literally ‘spoiled the Egyptians’ to obtain them we cannot tell.” (pag.189).

Da mesma forma, em um extenso artigo que ocupa 10 páginas do vol. 8 da *Belgravia* publicado em 1869 sob o título “The Cycles of the Worlds” de autoria de R. H. Patterson, no qual, num tom mais sério e científico, o autor abordando os ciclos do universo faz um balanço sobre os avanços científicos da Astronomia moderna e de suas dívidas para com os saberes produzidos na antiguidade. Aqui novamente, reconhecendo que as primeiras luzes da aurora da civilização tiveram início na península grega, afirma a anterioridade e até superioridade dos saberes de astronomia dos egípcios. Para o autor “But, so as far as we know, astronomical science attained a still higher perfection in the land of the Nile than in the banks of the Euphrates. The ancient Egyptians with whom civilization began earlier and continued in a state unbroken longer than in any other nation” (pag. 418). Também neste artigo é possível ver algumas noções do autor que separam os países e as culturas consideradas como berço da civilização, dentre as quais se encontra o Egito, daquelas onde como na Índia predomina a ignorância e a mistificação dos fenômenos naturais.

Essas mesmas duas civilizações, Egito e Índia, são mencionadas em um outro artigo da revista *Belgravia* intitulado *Physic*, escrito por John Scoffern. O texto discorre sobre o estudo de farmacologia, dividindo fármacos em minerais, vegetais e animais. Um dos focos do autor é discutir as origens de alguns desses produtos usados na produção de remédios. Duas das plantas que o autor pondera sobre são originárias do Egito e da Índia, de onde são importadas para a Inglaterra para as boutiques farmacêuticas. O texto tem uma escrita extremamente técnica e direcionada àqueles que se dedicam à ciência. Entretanto essa não é a regra para as divulgações científicas nas três revistas, mas sim a exceção.

Vemos essa dicotomia naqueles artigos que se dedicam a divulgar os trabalhos de egiptologia direta ou indiretamente. Dois artigos da revista *Bow Bells* ilustram esse ponto. No volume V (1866/1867), um artigo, de autoria indefinida, foi publicado na seção *Essays: Historical, Scientific and Domestic* intitulado *The Power of Gold*. O texto discorre sobre o poder que o ouro exerce sobre a humanidade, mencionando a busca incessante desde a antiguidade por este metal precioso pelos alquimistas egípcios. E no volume XXI de 1874, o artigo *The Wisdom of Egypt* foi publicado, tendo como tema a sabedoria do Egito antigo e o pouco que sobrou para a contemporaneidade quando comparado a quantidade original de papiros e livros. Comenta também sobre o trabalho de tradução do pouco que restou e discorre sobre como mesmo na antiguidade o Egito era o destino daqueles que queriam aprofundar seus estudos. A partir desse ponto no texto, o autor aponta diversos conhecimentos que se originaram ou que tiveram uma evolução significativa no Egito. Neste mesmo tópico, um artigo publicado no volume 17 de 1872 da revista *Belgravia* intitulado *At Dinner* tem como tema a evolução da alimentação e da gastronomia afirmando que a origem da gastronomia foi no Egito, porém afirma que esta ficou estagnada no país enquanto o resto do mundo mudava. Este é um sentimento que se repete em mais de um dos artigos analisados.

Na revista *The Athenaeum*, essa diferença em como os artigos são abordados é menos explícita. O público-alvo eram homens de ciência que fizeram com que tanto artigos como resenhas publicadas no periódico usassem uma linguagem formal e científica, para um nicho específico de leitores. Esse aspecto é o que faz a revista ser responsável por grande parte da divulgação de saberes entre os três periódicos. As publicações demandam dos leitores conhecimentos específicos como também um vocabulário amplo.

As resenhas são um exemplo do uso de uma linguagem seca quando comparada com aquela usada na *Bow Bells*, que atende a um público popular. No

volume I de 1875 da revista, foi publicada a resenha do livro *Ancient History from the Monuments - Egypt*<sup>157</sup> de autoria não identificada. O livro faz parte de um projeto encomendado pelo Comitê de Conhecimento Cristão da escrita de dois volumes pela parceria de um de seus membros e um escritor especialista no assunto. O autor da resenha explica como o livro foi dividido em capítulos que tratam dos costumes, geografia, religião e da história do Egito desde a Antiguidade até o domínio romano. No decorrer do texto, destaca alguns trechos em que os autores discutem fatos como a origem dos primeiros egípcios, a origem do alfabeto, a construção das pirâmides. Nesta última menção, o autor destaca como o livro nega qualquer influência do ocultismo na construção dos monumentos, legando todos os avanços arquitetônicos aos estudos científicos realizados pelos antigos egípcios.

Além da valorização de saberes oriundos do Egito antigo, há também o aspecto de redescoberta dessa civilização que origina uma ciência dedicada somente a ela, a Egptologia. Na revista *Athenaeum*, no volume I de 1866, na seção de anúncios das sociedades científicas, há um anúncio da Sociedade Sírrio-Egípcia sobre a palestra de J. Bonomi que explica as traduções do hieroglifo ‘faraó’ e como não é possível determinar pelos textos bíblicos quais eram os reis do Egito mencionados por problemas nas transcrições e nas datas. Essa questão tem conexão direta com o que Jack Goody afirma ser uma construção social: o tempo e espaço histórico. Para o estudo histórico deve se considerar que cada civilização tem seu próprio significado para tempo e espaço, e que a própria marcação de ambos está circunscrita a quem a fez.

Um outro aspecto da divulgação de saberes que se encontra nos artigos de Sala é o que Goody afirma ser uma apropriação das ideias do Oriente pelo ocidente que é demonstrado por um autor já mencionado que marca sua presença

---

<sup>157</sup> <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.c3470733&view=1up&seq=361>

nas menções ao Egito, George Augustus Sala, cronista prolixo que aparece em diversos volumes da revista *Belgravia*. Alguns exemplos dentro da dimensão de saberes são as menções feitas nos volumes 16, 25 e 26. Na revista *Belgravia*, em seu volume 16 (nov/1871-fev/1872), foi publicada uma crônica de George Augustus Sala chamada *Imaginary London*, em que o autor compara o interesse que a geração futura deverá ter em uma firma que ele está descrevendo como aquele que os egiptólogos têm nas histórias hieroglíficas de um Ramsés, ou Ptolomeu. No volume 25 (nov/1874-fev/1875), outra crônica de Sala intitulada *New Directions to Servants* menciona o Egito antigo quando faz referência a origem de ditado popular, afirmando que este ao ser usado por um escrito que a deve ter copiado de um ensaísta francês, que deve ter copiado de algum filósofo grego ou romano que deve ter copiado de um sábio egípcio. E, por fim, no volume 26 (mar/1875-jun/1875), há uma Crônica em que o autor menciona que estava lendo um livro sobre hieroglifos e que uma das figuras era de um monstro egípcio da antiguidade descrito como uma mulher com garras despedaçando um homem e com um escrito a chamando de Esfinge.

Ao mesmo tempo que é considerado berço dos saberes que conformam a cultura ocidental, o Egito e a herança legada pela cultura aos conhecimentos dos egípcios antigos nas diversas áreas aparecem como um universo a ser decifrado. E, nesta direção, avançam os estudos da Egiptologia como mostra as muitas resenhas sobre livros de autores ingleses e de outras partes da Europa sobre “a civilização Egípcia” bem como as notícias sobre as muitas conferências proferidas por cientistas e exploradores nas diversas associações científicas ou nas exposições internacionais noticiadas principalmente pela revista *The Athenaeum*. Não obstante, esses mesmos conhecimentos nas versões apresentadas principalmente pelas revistas *Bow Bells* e *Belgravia*, que muitas vezes aproximam a figura do estudioso da do explorador e do aventureiro, parecem alimentar a Egitomania e sua importância no imaginário inglês do período.

## 5 .CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma visita ao Museu Britânico gerou a questão: por que os ingleses do século XIX colecionavam objetos do Egito? Essa pergunta nasceu da observação de vários bustos expostos pelo museu, que homenageiam os patronos responsáveis por doações de objetos que formaram as coleções, inclusive a da ala egípcia. A pesquisa feita para responder essa questão suscitou a escrita do projeto original deste mestrado. Entretanto, o acesso a essas coleções foi limitado pela ocorrência da pandemia de Covid-19. Para dar continuidade a pesquisa, foi necessário mudar as fontes e alterar o projeto. Essa busca levou a fontes que demonstraram que a disseminação da egitomania ia além do colecionismo e que a importância da egitomania para a formação do imaginário inglês vitoriano encontrou na imprensa inglesa do século XIX um de seus importantes vetores.

Ao procurar por novas fontes, um artigo literário escrito por M. A. Monnin intitulado “Embracing the Sphinx: ancient Egypt in Belgravia – a London magazine” chamou a atenção por tratar da presença do Egito antigo na imprensa de revistas literárias inglesas do século XIX, com um recorte para três revistas publicadas em Londres, as revistas *Bow Bells*, *Belgravia* e *The Athenaeum*. O artigo trabalhava de forma breve o tema da egitomania nas três revistas e com um foco literário. Essa dissertação procurou aprofundar e ampliar a análise das fontes e trabalhar o tema com uma ênfase histórica.

As três revistas que foram analisadas neste trabalho foram escolhidas por representarem uma das formas de contato do leitor inglês com o Egito. Nas revistas *Bow Bells* e *Belgravia*, há a publicação de novelas que fazem menções ao Egito, além de artigos não ficcionais, que são o foco da revista *Athenaeum*. Algumas destas referências presumem já haver familiaridade do leitor com o tema, o que comprova o quão presente a egitomania estava no cotidiano inglês. O recorte escolhido dentro do período de publicação das três revistas foi

determinado a partir da pesquisa feita em seus acervos quanto a disponibilidade de exemplares disponíveis e ao número de menções ao Egito e a outras palavras do tema que comumente apareciam na imprensa inglesa.

A construção do fenômeno da egitomania não se iniciou no século XIX. Desde a antiguidade clássica greco-romana, sinais do fascínio com o Egito já eram possíveis de serem identificados. Essa curiosidade pelas terras do Nilo se manteve até a queda do Império Romano ocidental e diminuiu durante a Idade Média. Entretanto, no Renascimento, o interesse pela antiguidade clássica faz com que o Egito reapareça no imaginário europeu. Esse processo de redescoberta do Egito pelo ocidente teve seu ápice com a expedição de Napoleão Bonaparte em 1798. A partir daí, o Egito passou a ser objeto de estudo pelos eruditos e assim nasceu a Egptologia. Entretanto, a redescoberta do Egito pelo ocidente não deteve a atenção somente de cientistas, mas também do público em geral. Esse processo estava ligado não só as ciências, mas à política, à economia e a própria formação da identidade europeia naquele momento da expansão imperialista. A apropriação e a adaptação de conhecimentos e de objetos estavam diretamente ligadas ao status das nações ocidentais e como propôs Edward Said a própria construção da identidade dessas nações que encontraram no oriente a imagem do outro.

O Egito se tornou parte do Império Britânico na década de 1880, entretanto, desde a derrota de Napoleão pelas forças britânicas e otomanas, a presença de ingleses no país cresceu exponencialmente, recebendo cada vez mais viajantes, fossem estes turistas, exploradores ou comerciantes. E, é nesse contexto, que a egitomania se torna presente no imaginário inglês. Influências egípcias eram observáveis no cotidiano britânico, de decorações a moda, arquitetura e literatura. A pesquisa indicou que as revistas literárias se constituíram como veículos importantes na difusão de concepções e imagens que alimentaram a Egitomania na época.

A divulgação da egitomania pelas revistas inglesas do século XIX caminhou paralelamente a expansão do público leitor, ao crescimento do sensacionalismo, ao barateamento e a popularização dos periódicos. A literatura de viagem é consumida desde o século XVI, inicialmente com relatos de viajantes que refizeram os caminhos descritos na Bíblia e, posteriormente, relatos de exploradores atrás de aventuras e tesouros. Em ambos os casos, o Egito aparece como um destino comum. Esses relatos fazem parte do acervo das três revistas, seja na forma de reprodução de capítulos deles ou de resenhas. No decorrer da pesquisa foi possível problematizar parte significativa do material inicialmente identificado, principalmente nas revistas *Bow Bells* e *Belgravia*. Já o trabalho de análise dos materiais da revista *Athenaeum* foi apenas iniciado; o que nos deixa uma seleção de artigos e resenhas nos quais sobressaem os cruzamentos entre a Egptologia e a Egitomania. Concomitante a evolução da egitomania existia a prática de leitura em rodas familiares, onde uma pessoa da família que fosse alfabetizada lia para todos, periódicos ou livros. Eram esses leitores que determinariam aos editores o que deveria ser publicado.

A revista *Bow Bells* tinha um público leitor feminino que almejava a mobilidade social, a revista *The Athenaeum* atendia ao público leitor que se dedicava e se interessava pelas ciências, e, a revista *Belgravia* procurava manter uma neutralidade quanto aos assuntos tratados de modo a atingir um maior público, porém, seu leitor era o(a) londrino(a) vitoriano(a), trabalhador(a) urbano(a), letrado(a). Os três periódicos representam o que Altick conceituou como a ‘democracia do impresso’<sup>158</sup>. Ainda que no público leitor de cada revista pudesse haver possíveis intersecções entre esses grupos, um tema em comum a todos esses leitores é a egitomania.

---

<sup>158</sup> O conceito de democracia do impresso é trabalhado no capítulo 3 A IMPRENSA INGLESA DE REVISTAS: BELGRAVIA, BOW BELLS E THE ATHENAEUM

Nos três periódicos foram identificadas três dimensões diferentes para as menções do Egito: a inserção do Egito nas novelas, o sagrado na cultura egípcia e o Egito como berço dos saberes ocidentais. Entretanto, uma dimensão que abarca todas estas é a ideia de um constante confronto entre ocidente e oriente. Mesmo em relação a um antigo inimigo inglês, a França, o tom dos artigos se torna mais abrangente, a França é um país europeu, ocidental, logo era considerado acima de qualquer exemplo oriental. Um exemplo deste ponto são quaisquer menções a expedição de Napoleão ao Egito, que é vista como uma vitória ocidental. O Egito, e a África como um todo, são vistos como uma extensão do território britânico, que vai além do aspecto político, econômico e militar. A expansão de diversos aspectos culturais como a língua inglesa sendo falada e lida em mais países contribuíram para o completo domínio inglês sobre outros povos.

A publicação de romances seriados eram o foco das revistas *Bow Bells* e *Belgravia*. Neles encontram-se desde menções breves que mais do que falar do Egito em si, pressupõe uma familiaridade do leitor com o assunto e mesmo obras que tem o Egito como tema central, cenário e enredo contém o vocabulário específico a egitomania, com palavras como esfinge, múmia, Nilo, Cleópatra e hieroglifo que se tornaram parte do cotidiano do leitor vitoriano.

Nas novelas publicadas nas revistas *Belgravia* e *Bow Bells*, a aparição do Egito como uma breve menção, cenário, ou, como em alguns casos, parte essencial do enredo enfatizam o papel que a literatura sensacionalista teve na construção e ampliação do Egito antigo como parte do imaginário inglês. O sensacionalismo<sup>159</sup> é a razão da existência da revista *Belgravia* e, por sua própria definição, está interligado ao que a egitomania representa, fonte de mistério e alimento para o desejo pelo exótico. Nessas novelas já estão incorporados, no caso das menções ao Nilo, Cairo e o deserto, aquilo que Said denominou a geografia

---

<sup>159</sup> O conceito de Sensacionalismo é trabalhado no capítulo 3 A IMPRENSA INGLESA DE REVISTAS: BELGRAVIA, BOW BELLS E THE ATHENAEUM

imaginativa da África e do Egito que conforma o imaginário do inglês. O Egito é reduzido a esses poucos espaços mencionados nos romances e se tornam tão familiares ao leitor quanto o seu próprio país. Essa redução é também aumentada pelo processo de modernização da capital, Cairo. Bairros inteiros são reformados para a construção de hotéis e espaços culturais, parques, teatros, restaurantes. O Egito é ao mesmo tempo um lugar moderno para se passar os invernos ingleses e um museu ao céu aberto.

A figura de Cleópatra tornou-se comum como figura sinônimo de beleza, sedução e realeza, usada como metáfora para descrever personagens em diversos capítulos publicados nos dois periódicos. Nos dois casos vemos um momento em que a própria linguagem foi tomada do Egito, tirada de seu contexto e absorvida pelo imaginário inglês.

Outros personagens que se encontram repetidamente nas novelas são: o político egípcio e o guia local. Ambas as figuras aparecem sem nome, como parte da curiosidade e exótico. O político como uma figura de ostentação, com uma casa ricamente decorada. O guia aparece como alguém que serve como empregado, tradutor. A individualidade dos personagens egípcios é inexistente nos romances. Um personagem real e fictício que aparece tanto nas novelas quanto nas resenhas e artigos é a do explorador. Estes são descritos como cavalheiros e aventureiros, exemplos do homem britânico vitoriano.

O sagrado na cultura egípcia é uma dimensão definida por duas possibilidades de menção ao Egito, elogiosa ou crítica. A mumificação aparece como um tema abordado diversas vezes nas três revistas. Quando de maneira elogiosa, falava-se sobre a preservação das múmias, dos tecidos usados, dos rituais e dos diferentes deuses e como estes foram de grande influência para o desenvolvimento de conhecimentos astronômicos, geográficos e até mesmo linguísticos. Já as críticas tinham em comum a comparação com o cristianismo,

em que este sempre era considerado superior. Desde os rituais fúnebres como algo que ia contra a imortalidade da alma até críticas a eruditos que atribuíam a alguns ritos e dias sagrados como base para a construção do cristianismo.

Uma das dimensões discutidas é a dos saberes que aparecem em referências ao Egito presentes nas três revistas *Belgravia*, *Bow Bells* e *Athenaeum*. Nela é trabalhada as menções que discorrem sobre os avanços alcançados pelos egípcios em diversas áreas do conhecimento e da importância destes na formação e desenvolvimento das ciências ocidentais. Em vários textos que trazem o histórico de um conhecimento, enfatizam os saberes dos egípcios em diversas áreas e esses conhecimentos são considerados uma das heranças da antiguidade greco-romana. Como referência, aparecem artigos sobre a história de diversas ciências ou objetos como astronomia ou joias. O surgimento da Egiptologia como a ciência de estudo do Egito antigo foi uma das marcas da divulgação de saberes na imprensa inglesa vitoriana. Os artigos tinham duas faces, a de saciar a curiosidade ou a de contribuir para a divulgação do conhecimento científico.

Nas dimensões problematizadas pela análise, enxerga-se o papel da transformação da egitomania em algo a ser consumido pelas massas, e esta massificação continua até hoje pela imprensa, sendo que no decorrer do século XX ganha como seu principal espaço de construção e disseminação o Cinema. Desde o início da sétima arte se tem diversos exemplos de filmes que usam da iconografia familiar egípcia para chamar a atenção de seus espectadores. Nomes que se tornaram sinônimos do Egito como Boris Karloff como Imhotep, Elizabeth Taylor como Cleópatra, Charlton Heston como Moisés. A egitomania mudou com o seu público, se adaptou a novos tempos. Mas isto é tema que necessita de novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTICK, Richard Daniel. *The English common reader: a social history of the mass reading public, 1800-1900*. 2nd ed. Columbus: Ohio State University Press, 1998.
- BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: Leach, Edmund et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKOS, MARGARET. Egiptomania: fragmentos do mundo antigo no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: ANPUH, 2003.
- BENEDICT, Barbara M. Collecting trouble: Sir Hans Sloane's literary reputation in eighteenth-century Britain. *Eighteenth-Century Life*, Durham, v. 36, n. 2, p. 111-142, 2012.
- BÍBLIA. Bíblia Sagrada – Velho e Novo Testamento. Tradução de Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1998. 1632 p.
- BRAKE, Laurel; DEMOOR, Marysa (ed.). *Dictionary of Nineteenth-Century Journalism In Great Britain and Ireland*. Bélgica: Academia Press, 2009.
- CAMARGO, K. A. F. DE. A revista como fonte de pesquisa. *Educação: Teoria e Prática*, v. 1, n. 2, p. 79, 12 jul. 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/470>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- CHARTIER, R. Textos, impressos, lecturas . *Revista de História*, [S.I.], n. 132, p. 83-94, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18756>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- CRUZ, Heloisa de Faria. As revistas científicas: espaço do debate público da academia paulista no final do século XIX e início do XX. In: ALMEIDA, Marta; VERGARA, Moema de Rezende. (org.). *Ciência, história e historiografia*. Rio de Janeiro: Via Lettera, 2008. v. 1, p. 267-276.
- CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890/1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Imprensa Oficial; Arquivo do Estado, 2000.
- CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, 2008.
- DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (org.). *A revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1997.
- DOYLE, Noreen. The earliest known uses of “l’egyptomanie”/“egyptomania” in French and English. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, Tucson, v. 8, n. 1, p. 122-125, 2016.
- HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Comunicação & Cultura*, [S.I.], n. 1, p. 21-35, 2006.
- HOBBSBAWM, Eric J. A. *A era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006
- HUMBERT, Jean-Marcel. Egyptomania: fascination for Egypt and its expression in the modern world. In: HARTWIG, Melinda K (ed.). *A companion to ancient Egyptian art*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2014. p. 463-482.
- LEÃO, Natália Munaro de. As (re)descobertas dos viajantes e exploradores no Egito dos séculos XVIII e XIX. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, 177-193, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/2178-3748.2015.1.16747>. Acesso em: 29 dez. 2022.
- MACGREGOR, Arthur. *Curiosity and enlightenment: collectors and collections from the sixteenth to the nineteenth century*. New Haven: Yale University Press, 2007.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp, 2001.
- MCVEY, Sheila. Nineteenth century America: publishing in a developing country. In: AMERICAN ACADEMY OF POLITICAL AND SOCIAL SCIENCE, 421., 1975. *Annals...* Philadelphia: AAPSS, 1975. p. 67-79.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, São Paulo, n. 115, p. 103-117, 1983.
- MONNIN, M. A. Embracing the Sphinx: ancient Egypt in Belgravia – a London magazine. *Nineteenth-Century Contexts*, Routledge, v. 40, n. 4, 345-358, 2018.
- ROGAN, Eugene. *Os Árabes: Uma História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- SOUZA, Felipe Alexandre Silva de. *Determinações estratégicas e econômicas da dominação britânica no Egito (1804-1956)*. 2016. 191 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2016.
- TYLDESLEY, Joyce Ann. *Egypt: how a lost civilization was rediscovered*. Berkeley: University of California Press, 2005.